



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PGLETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

***A BOMBA ESTOUROU: FRASEOLOGISMOS DE SÃO LUÍS DO
MARANHÃO NOS DISCURSOS SEMIDIRIGIDOS DO PROJETO ALIB***

KARLA KAROLINE DE FÁTIMA SILVA PEREIRA

ORIENTADOR: PROF. DR. JOSÉ DE RIBAMAR MENDES BEZERRA

SÃO LUÍS – MA

2019

KARLA KAROLINE DE FÁTIMA SILVA PEREIRA

A BOMBA ESTOUROU: FRASEOLOGISMOS DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO NOS DISCURSOS SEMIDIRIGIDOS DO PROJETO ALIB

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Letras/PGLetras, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Área de Concentração: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Orientador: Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra

SÃO LUÍS - MA

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

PEREIRA, KARLA KAROLINE DE FÁTIMA SILVA.
A *BOMBA ESTOUROU*: FRASEOLOGISMOS DE SÃO LUÍS DO
MARANHÃO NOS DISCURSOS SEMIDIRIGIDOS DO PROJETO ALIB/
KARLA KAROLINE DE FÁTIMA SILVA PEREIRA. - 2019.
79 p.

Orientador(a): José de Ribamar Mendes Bezerra.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em
Letras/CCH, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2019.

1. Fraseologiasmos. 2. ALiB. 3. VALEXTRA 4. São Luís-
MA. I. Bezerra, José de Ribamar Mendes. II. Título.

**A BOMBA ESTOUROU: FRASEOLOGISMOS DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO NOS
DISCURSOS SEMIDIRIGIDOS DO PROJETO ALIB**

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra/UFMA
Orientador

Prof. Dr. Luís Henrique Serra/UFMA - Campus VII / Codó
Examinador Externo

Profª. Dra. Conceição de Maria de Araujo Ramos/UFMA
Examinador Interno

Profª. Dra. Cibelle Corrêa Béliche Alves/UFMA
Examinador Suplente

SÃO LUÍS – MA

2019

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por me conceder a saúde e a força necessária para superar as dificuldades, que não foram poucas, durante esta jornada. Obrigada por não me desamparar e permitir que eu chegasse até aqui.

Ao meu orientador, Professor Doutor José de Ribamar Mendes Bezerra, por toda paciência, empenho e sentido prático com que me orientou neste trabalho e em todos aqueles que realizei durante os seminários do mestrado. Muito obrigada por me corrigir e incentivar, quando necessário.

Aos professores e aos colegas deste programa de pós-graduação, pela valiosa troca de conhecimentos ao longo do percurso. Em especial, Ayrlla e Cláudio, amigos queridos, obrigada pelo afeto dedicado, pela motivação e pela torcida.

À Professora Doutora Conceição de Maria de Araujo Ramos, pelo compartilhamento de saberes e sugestões sempre tão pontuais.

A minha família e amigos, pelo apoio, especialmente à minha mãe e a minha tia (*in memoriam*), por todo o suporte dado ao longo da elaboração deste trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

RESUMO

A Fraseologia é o ramo da Lexicologia que trata da construção de expressões ou frases, próprias de uma língua, geralmente com sentido figurado, como *bater peso*, *fazer na doida*, *longe pra caramba*, *ficar meio assim*. Muitas são as classificações quando se trata de unidades fraseológicas e nem sempre é possível chegar-se a um consenso entre elas. Entretanto, algumas características, inerentes a essas unidades, foram observadas e testadas nos fraseologismos selecionados para essa pesquisa, como a polilexicalidade, a fixidez, a opacidade, a congruência e a variação. Este estudo adota conceitos advindos da Fraseologia de vertente francesa, seguindo, principalmente, os postulados de Salah Mejri (1997, 2012, 2017, 2018), Gaston Gross (1966), Inês Sfar (2016, 2018) e Marcela Paim (2016, 2018, 2019), e seu objetivo principal é fazer um levantamento de fraseologismos em São Luís do Maranhão, utilizando dados obtidos nos Temas para Discursos Semidirigidos (TDS) do Projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil. Para a realização deste estudo, adotamos as seguintes etapas: a) seleção de fraseologismos encontrados nas narrativas obtidas por meio dos questionários aplicados nos inquéritos realizados pelo Projeto ALiB; b) análise estrutural e semântica das expressões selecionadas; e c) verificação do registro de tais expressões em dicionários gerais da língua portuguesa e dicionários especializados em fraseologia. Os sujeitos da pesquisa foram distribuídos em duas faixas etárias, assim descritas: Faixa etária I – 18 a 30 anos; Faixa etária II – 50 a 65 anos. São oito informantes, de ambos os sexos (masculino e feminino) e possuem escolaridade fundamental e superior. Os aspectos analisados e testados nessa pesquisa foram de fundamental importância para que pudéssemos alcançar o produto final a que esse trabalho se destina: a construção de um glossário que subsidiará o Projeto Valeextra (Variação lexical: teorias, recursos e aplicações): do condicionamento lexical às constrições pragmáticas, cuja finalidade é a elaboração de um dicionário bilíngue (português/francês) de fraseologismos.

Palavras-chave: Fraseologismos; ALiB; VALEXTRA; São Luís-MA.

ABSTRACT

Phraseology is the branch of Lexicology that deals with the construction of expressions or phrases, proper to a language, usually with figurative sense, such as *bater peso*, *fazer na doida*, *longe pra caramba*, *ficar meio assim*. There are many classifications when it comes to phraseological units and it is not always possible to reach a consensus between them. However, some characteristics inherent to these units were observed and tested in the phraseologisms selected for this research, such as polylexicality, fixity, opacity, congruence and variation. This study adopts concepts from the french phraseology, following mainly the postulates of Salah Mejri (1997, 2012, 2017, 2018), Gaston Gross, Inês Sfar (2016, 2018) and Marcela Paim (2016, 2018, 2019) , and its main objective is to make a survey of phraseologisms in São Luís do Maranhão, using data obtained from Temas para Discursos Semidirigidos (TDS) of the Projeto ALiB - Atlas Linguístico do Brazil. To carry out this study, we adopted the following steps: a) selection of phraseologisms found in the narratives obtained through the questionnaires applied in the surveys conducted by the Projeto ALiB; b) structural and semantic analysis of the selected expressions; and c) verification of the registration of such expressions in general dictionaries of the Portuguese language and dictionaries specialized in phraseology. The research subjects were divided into two age groups, described as follows: Age range I - 18 to 30 years; Age range II - 50 to 65 years. There are eight informants of both sexes (male and female) and have elementary and higher education. The aspects analyzed and tested in this research were of fundamental importance so that we could reach the final product for which this work is intended: the construction of a glossary that will support the Projeto Valeextra (Variação Lexical: teorias, recursos e aplicações): do condicionamento lexical às constrições pragmáticas, the purpose of which is the elaboration of a bilingual (Portuguese / French) dictionary of phraseologisms.

Keywords: Phraseological units; ALiB; VALEXTRA; São Luís-MA.

SUMÁRIO

LISTA DE ANEXOS	09
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	10
LISTA DE SIGLAS	11
INTRODUÇÃO	12
1. BOTO FÉ EM VOCÊS: Fundamentação teórica	15
1.1. Lexicologia e Fraseologia.....	15
1.2. O percurso da fraseologia.....	16
1.3. Unidades fraseológicas.....	18
1.4. Propriedades dos fraseologismos.....	20
2. UM MUCADO DE COISA: Metodologia	23
2.1. Descrição do percurso.....	23
2.2. Tipo de pesquisa.....	25
2.3. Seleção dos informantes.....	26
2.4. Coleta de dados.....	28
2.5. Seleção das UFs.....	29
2.6. O Programa Lexique Pro.....	32
2.7. Da investigação nos dicionários.....	36
3. A BOMBA ESTOUROU: Análise dos dados	37
3.1. Por que denominar essas unidades como fraseologismos?.....	37
3.2. Descrição dos fraseologismos no falar ludovicense.....	40
3.3. Da dicionarização das UFs.....	43
POR INCRÍVEL QUE PAREÇA: Considerações finais	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
ANEXOS	65

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1	
Transcrição - Item 1 (TDS). Informante: N.C.N., homem, FI, ensino superior.....	p.66
ANEXO 2	
Transcrição - Item 1 (TDS). Informante: J.O.B., homem, FII, ensino superior.....	p.67
ANEXO 3	
Transcrição - Item 1 (TDS). Informante: L.R.B.S., mulher, FII, ensino superior.....	p.68
ANEXO 4	
Transcrição - Item 3 (TDS). Informante: N.C.N., homem, FI, ensino superior.....	p.69
ANEXO 5	
Transcrição - Item 3 (TDS). Informante: A.O.P.F., homem, FII, ensino superior.....	p.70
ANEXO 6	
Transcrição - Item 3 (TDS). Informante: R.M.J., mulher, FI, ensino superior.....	p.71
ANEXO 7	
Transcrição - Item 4. Informante: G.A.A.R., homem, FI, ensino fundamental.....	p.72
ANEXO 8	
Transcrição - Item 4 (TDS). Informante: N.C.N., homem, FI, ensino superior.....	p.73
ANEXO 9	
Transcrição - Item 4 (TDS). Informante: A.O.P.F., homem, FII, ensino superior.....	p.74
ANEXO 10	
Glossário gerado pelo programa Lexique Pro.....	p.75

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 – Denominações dos fraseologismos.....	p.17
QUADRO 2 – Tipos de lexias.....	p.19
QUADRO 3 – Perfil dos informantes.....	p.27
QUADRO 4 – Temas para discursos semidirigidos.....	p.28
QUADRO 5 – Registro dos fraseologismos nos dicionários.....	p.43
QUADRO 6 - Relação dos fraseologismos no <i>corpus</i> do Projeto ALiB.....	p.52
IMAGEM 1 – Tabela de fraseologismos – VALEXTRA.....	p.31
IMAGEM 2 – Tela inicial do programa Lexique Pro.....	p.33
IMAGEM 3 – Etiqueta de campo/programa Lexique Pro.....	p.34
IMAGEM 4 – Verbetes eletrônico.....	p.35
IMAGEM 5 – Diagrama de testagem das propriedades das UFs.....	p.42
GRÁFICO 1 - Quantitativo de UFs por dicionário.....	p.45
GRÁFICO 2 - Variação diageracional.....	p.53
GRÁFICO 3 - Variação diastrática.....	p.53
GRÁFICO 4 - Variação diagenérica.....	p.54
GRÁFICO 5 - Produtividade de fraseologismos por item dos TDS.....	p.55

LISTA DE SIGLAS

ALiB – Atlas Linguístico do Brasil

PGLetras – Programa Pós-Graduação em Letras

QFF – Questionário Fonético-Fonológico

QMS – Questionário Morfossintático

QSL – Questionário Semântico-Lexical

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UFs – Unidades Fraseológicas

TDS – Temas para Discursos Semidirigidos

VALEXTRA – Variação Lexical: Teorias, Recursos e Aplicações (do condicionamento lexical às restrições pragmáticas)

INTRODUÇÃO

Conhecer e estudar as expressões típicas de uma língua é fundamental para adquirir um desempenho linguístico satisfatório, pois não é suficiente que tomemos conhecimento apenas de sua gramática e de seu léxico, é preciso que conheçamos, também, as particularidades que as línguas guardam.

Quando entramos em contato com uma língua, o conhecimento de seu léxico possibilita uma aprendizagem ao mesmo tempo linguística e cultural, visto que, por meio dele, as pessoas expõem seus costumes, seus pensamentos e ideologias, manifestando, deste modo, a história de cada povo.

As línguas carregam consigo um vasto repertório, que é um desdobramento de toda a experiência vivida por seus utentes e tudo que nessa se reflete é proveniente das interações em sociedade e da cultura na qual o indivíduo está inserido. Dessa forma, convém afirmar que a língua, que é um fator social,

[...] é a um tempo resultado, parte e condição da cultura. Resultado porque a língua falada por um povo é o reflexo da cultura global desse povo; parte porque [...] a cultura inclui muitas e variadas coisas, tais como utensílios, instituições, costumes, crenças e também, evidentemente, a língua. E finalmente condição por dois motivos: primeiro, porque é principalmente por meio linguístico que adquirimos a nossa própria cultura; segundo, [...], porque o material de que se faz a língua é do mesmo tipo de material de que se faz toda a cultura – relações lógicas, oposições, correlações e assim por diante (LEVIS-STRAUSS apud CÂMARA JÚNIOR, 1955, p. 188-189).

Os elementos componentes da cultura se manifestam de forma particular no vocabulário dos falantes de determinada comunidade. Assim, os indivíduos que partilham os mesmos conhecimentos locais conseguem entender certos contextos e peculiaridades, tal como acontece quando utilizamos certas expressões encontradas em São Luís do Maranhão, como, por exemplo, “*estourar a bomba*”. Quem não conhece a expressão, dificilmente compreenderá o seu significado global, pois os termos que a compõem, se vistos isoladamente, não nos levam a identificar seu sentido.

Este estudo advém de um trabalho anteriormente feito, em 2009, com o intuito de averiguar a ocorrência, naquele ano, de expressões contidas em uma das obras de Domingos Vieira Filho – *Folclore Brasileiro – Maranhão*-, e do anseio de dar continuidade à investigação nessa área que ainda se mostra tão profícua, a Fraseologia. Embora esse campo já esteja sendo explorado há algum tempo, ousamos dizer que ainda se faz necessário um

estudo mais aprofundado nesta área, visto que em algumas localidades, como São Luís do Maranhão, ainda há poucos trabalhos que versam especificamente sobre estas unidades da língua, as quais chamamos de unidades fraseológicas/fraseologismos.

Pela diversidade de estruturas e profusão terminológica, assim como por suas particularidades, a Fraseologia possui como um dos seus maiores empecilhos a compreensão sobre o que, de fato, essa área de conhecimento trata. Há uma grande quantidade de variação denominativa concernente a essas estruturas e são muito semelhantes conceitualmente. Até mesmo especialistas têm consciência de que existe uma linha muito tênue entre os tipos de combinatórias de uma língua. Deste modo, cada autor classifica os fraseologismos conforme seus estudos e suas convicções.

Os trabalhos nesse âmbito ainda são escassos, em especial, os que envolvem o uso de dados de atlas linguísticos. E é justamente neste ponto que trazemos à tona um tema inovador e de grande relevância, pois, a partir da junção desses dois campos – fraseologia e atlas linguísticos –, exploramos uma seara que ainda está em fase de descoberta. Os dados resultantes da interseção destas duas áreas, nos proporcionou o acesso a um material sobre o qual ainda não se especulava. Por essa razão, propusemo-nos analisar as unidades fraseológicas presentes no *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil, na localidade de São Luís, tendo em vista que, por ser a capital do Estado do Maranhão, o falar ludovicense é representativo dessa comunidade.

Diante disso, realizamos o levantamento dos fraseologismos presentes nos Temas para Discursos Semidirigidos (TDS) do banco de dados do Projeto ALiB, considerando que esses itens são mais propícios ao surgimento dessas unidades, porque são produzidos em uma situação de informalidade e por serem discursos mais espontâneos.

Este estudo adota conceitos advindos da Fraseologia de vertente francesa e se embasa, mormente, nos postulados de Salah Mejri (1997, 2012, 2017, 2018), Gaston Gross (1996), Inês Sfar (2016, 2018) e Marcela Paim (2016, 2018, 2019). Embora não seja possível se chegar a um consenso no que tange às classificações, devido à profusão terminológica dessas unidades, nos ancoramos em algumas características que são inerentes a elas, como a polilexicalidade, a fixidez, a congruência e a variação.

Dessa forma, tomamos o conceito de fraseologismo advindo de estudiosos que seguem essa linha e afirmam que

[...] por unidade fraseológica se entende toda e qualquer frase ou expressão cristalizada, cujo sentido geral não é literal, utilizada pelos falantes em situações comunicativas específicas e cujo sentido do todo não resulta da soma do sentido das partes (PAIM; RIBEIRO, 2018, p. 109).

Tal definição fundamentou o aporte teórico que fomentou este estudo, pois foi com base nela que delineamos o nosso objeto de análise, trazendo, assim, outros conceitos e informações pertinentes às unidades fraseológicas selecionadas para este estudo. Após a seleção e o exame mais detalhado das expressões em questão, os dados foram reunidos em um programa computacional denominado *Lexique Pro*, utilizado para compilar informações, gerando, assim, os verbetes que compõem nosso glossário.

Este trabalho se estrutura em torno de quatro capítulos. No capítulo 1, *Boto fé em vocês: Fundamentação teórica*, discutimos a fundamentação teórica na qual estamos nos pautando para embasar nosso estudo. No item 1.1 Discorremos sobre a Lexicologia e a Fraseologia, trazendo seus conceitos e particularidades. No item 1.2 falamos sobre o percurso da Fraseologia, citando os autores que primeiramente trataram do tema. Em 1.3 tratamos mais especificamente do nosso objeto de estudo, os fraseologismos, explicando nosso entendimento sobre o que, de fato, são essas unidades da língua. E no item 1.4 discorremos a respeito das propriedades que são inerentes a esses elementos.

No capítulo 2, *Um mucado de coisa: Metodologia*, tratamos dos procedimentos metodológicos adotados. No item 2.1, *Descrição do percurso*, trazemos informações gerais relativas à linha de pesquisa que seguimos, com alguns conceitos importantes e objetivos; o item 2.2 refere-se ao tipo de pesquisa que foi feita e alguns referenciais teóricos utilizados; 2.3 faz uma breve exposição sobre a metodologia usada para selecionar os informantes; no item 2.4, discorremos sobre a forma como os dados foram coletados; em 2.5, discutimos a respeito dos procedimentos empregados para a seleção das unidades fraseológicas; no item 2.6 é apresentado o *Lexique Pro*, programa utilizado neste trabalho para produzir um glossário; e, o item 2.7 discorre sobre os tipos de obras lexicográficas que serão utilizadas neste estudo, assim como a forma com que os dados nelas encontrados foram tratados.

No capítulo 3, *A bomba estourou: Análise dos dados*, discorremos sobre a verificação da dicionarização dos fraseologismos selecionados. Versamos sobre a presença/ausência de fraseologismos nos dicionários escolhidos para esta pesquisa, trazendo um panorama geral, no tocante às unidades selecionadas para este estudo.

Por fim, apresentamos a análise dos dados sob as perspectivas estrutural, sintática e semântica, em conformidade com a metodologia adotada e, por fim, algumas considerações pertinentes às unidades fraseológicas.

BOTO FÉ EM VOCÊS: Fundamentação teórica

1.1. Lexicologia e Fraseologia

A comunicação entre indivíduos de uma sociedade requer a utilização de parte do repertório lexical da sua língua, assim como dos preceitos linguísticos pertinentes ao seu grupo social. Qualquer membro de uma comunidade possui um acervo linguístico pessoal que constitui parte do acervo linguístico da sua comunidade, e o material dessa língua, que se acumula ao longo da sua vida, está presente em seu cotidiano.

As unidades léxicas fazem parte do nosso discurso diário, expressando ideias, pensamentos, sentimentos; elas nos identificam e são fruto da nossa representação da realidade, e componente do nosso patrimônio cultural. O léxico é o componente da língua que mais está suscetível a mudanças. Sua dinamicidade é um fato inevitável, ainda que seus valores perpassem gerações, trazendo consigo marcas do tempo e da cultura; fatores, estes, que mais acentuam sua constituição.

Neste trabalho, tomamos a definição utilizada por Vilela (1994, p.6) que afirma ser o léxico

[...] a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade.

A Lexicologia surge como o ramo da Linguística que se ocupa do estudo científico do léxico. Mais especificamente, ela versa sobre o estudo e a análise da palavra, sua categorização lexical e sua composição, em sentido amplo. Coseriu (1979, apud TAVARES, 2014, p. 796) conceitua a Lexicologia como o

[...] ramo da linguística que estuda a estrutura do vocabulário da língua, sua composição, variedade, origem, mudanças históricas e adaptações às condições sociais da comunidade respectiva. [...] Modernamente, esta disciplina estuda a estrutura interna dos vocábulos; por exemplo: a análise componencial, suas regras de subcategorização e inserção no marco oracional e suas modalidades morfológicas a partir de entidades subjacentes como lexemas.d

Por esse viés, endossamos a necessidade de se explorar esta disciplina, por abarcar várias temáticas e possuir ramificações que podem ser analisadas em suas particularidades. Neste trabalho, escolhemos uma de suas subáreas que engloba as unidades fraseológicas: a **fraseologia**. Esse termo, no entanto, ainda gera certa discussão no que tange ao seu conceito, pois existem duas vertentes: de um lado, compreende-se por fraseologia o conjunto dos fraseologismos, o inventário de locuções fraseológicas. Por outro lado, fraseologia refere-se à subdisciplina linguística em questão, ou seja, a investigação que tem por tarefa a delimitação das unidades fraseológicas.

Neste trabalho, adotamos o conceito concernente à linha francesa, formulado por Mejri nos textos produzidos entre 1997 e 2016, para quem a fraseologia seria um

[...] fenômeno linguístico cuja expressão é principalmente lexical e que abrange vários processos de solidariedade sintagmática, como a fixação. Seu campo de ação é bem mais amplo do que o da fixação, que se refere a um processo pelo qual a língua se dota de unidades sintagmáticas cujos constituintes formam um bloco e cuja sintaxe interna está em desacordo com a do sintagma livre correspondente. (MEJRI, 1997-2016, apud SFAR, 2016)

Ainda sobre o ponto de vista de Mejri (2012), a fraseologia seria a cultura que se incorpora à língua e a língua que se configura segundo os moldes culturais. Assim, entendemos que as unidades fraseológicas são o reflexo do repertório sócio-linguístico-cultural de um povo.

1.2. O percurso da fraseologia

A fraseologia se constituiu como área de estudo científico no início do século XX e, embora seja relativamente nova, já conta com algumas vertentes que discorrem sobre a delimitação de seu objeto de estudo. Dentre uma vasta gama de denominações, os fraseologismos continuam sendo um objeto de estudo intrigante, visto que ainda existe muita discussão a respeito de sua natureza.

Embora a fraseologia seja uma área que enseja um aprofundamento ainda maior, Ortiz Alvarez (2000, p. 108) apresenta um quadro, no qual faz um levantamento com os nomes dos linguistas e respectivos termos utilizados por eles no trato de diversos tipos de UFs, evidenciando, assim, que há tempos as fraseologias são mencionadas.

QUADRO 1 – Denominações das fraseologias

AUTOR	DENOMINAÇÃO
SAUSSURE	Unidades fraseológicas/ agrupamentos <i>(locutions toutes faites)</i>
BALLY	Unidades fraseológicas/ locuções fraseológicas (<i>unités phraseologiques</i> ; séries fraseológicas e unidades fraseológicas)
POTTIER	Unidades fraseológicas/ lexias (simples, compostas, complexas, textuais)
CASARES	Unidades fraseológicas/ locuções (significantes e conetivas)
FIALA	Unidades fraseológicas/ paradigmas definidos pelo tipo de contexto
ZULUAGA	Unidades fraseológicas/ frase fixa
VINOGRADOV	Unidade fraseológica/ fraseologismo (aderência fraseológica, unidade fraseológica, combinação fraseológica, expressões fraseológicas)
AMOSOVA	Unidade fraseológica/ fraseologismo (unidades de contexto invariável)
SHANSKI	Unidade fraseológica/ fraseologismo (aderência fraseológica, unidade fraseológica, combinação fraseológica, expressões fraseológicas)
CARNEADO	Unidade fraseológica/ fraseologismo
TRISTÁ	Unidade fraseológica/ fraseologismo
LYONS	Unidade fraseológica/ ready-made utterances
JAKOBSON	Unidade fraseológica/ stereotyped utterances
CHERDANTSEVA	Unidade fraseológica/ fraseologismo (uninuclear e multinuclear)
MEL'CHUK	Unidades fraseológicas/ frasema

Fonte: ORTIZ ALVAREZ, 2000, p. 318 (original).

As combinações fixas são, na verdade, tão antigas quanto as línguas naturais e utilizadas com grande frequência em produções orais, mas também escritas. Embora Saussure não seja frequentemente citado na literatura que trata da fraseologia, não podemos deixar de considerar que ele foi um dos primeiros linguistas que refletiu acerca do caráter

sintagmático da língua. Seus estudos, publicados em 1916, foram os primeiros a apontar a existência de combinações não livres.

No livro *Curso de Linguística Geral* (2006 [1916], p. 148) as locuções aparecem como elementos pertencentes ao sistema da língua, chamadas de “agrupamentos”. Esses sintagmas são compostos por mais de uma unidade sucessiva e constituem um encadeamento de caráter linear.

Charles Bally (1951, p. 66), discípulo de Saussure, desenvolve o pensamento de seu professor em estudos posteriores, em que aparece pela primeira vez o termo *phraséologie* para designar o conjunto de fenômenos sintáticos e semânticos que dão lugar, por uma parte, aos grupos usuais ou séries fraseológicos e, por outra, as unidades fraseológicas.

Bally (1951, p. 66-87) segue discorrendo sobre a delimitação do objeto de estudo da fraseologia e da apresentação de suas especificidades, assim como aponta a existência de expressões fixas e de combinações estáveis, frisando a necessidade de um estudo científico que tratasse dessas combinações.

De acordo com Xatara (2012), no Brasil, os primeiros estudos fraseológicos foram feitos por estudiosos não especialistas. Em 1945, Antenor Nascentes publica o *Tesouro da fraseologia brasileira*; em 1960, Magalhães Jr., com o *Dicionário de provérbios e curiosidades* e João Ribeiro, com *Frases feitas*; em 1970, Câmara Cascudo traz-nos as *Locuções tradicionais no Brasil*; e, em 1980, Leonardo Mota publica o *Adagiário brasileiro*. Dentre essas e outras obras, vale destacar a de Câmara Cascudo, que é considerada a primeira produção fraseográfica publicada por uma editora universitária.

Apesar do imenso valor de suas obras, esses estudiosos, por não serem especialistas na área, não tiveram a preocupação de tratar as especificidades de cada fraseologia. Portanto, cabe a nós apresentar, aqui, nosso entendimento do que são as unidades fraseológicas.

1.3. Unidades fraseológicas

Como sabemos, elementos lexicais ou lexemas são composições linguísticas cuja característica principal é o fato de estarem acumulados no léxico, na parte da consciência linguística que abrange as unidades denominativas, e de exercerem uma função denominativa para fenômenos da realidade. Decompõem-se em lexias simples, compostas e complexas. Das últimas fazem parte os fraseologismos, possuindo, como unidades denominativas, equivalência de palavras. Enquanto as lexias simples normalmente são

constituídas de um único elemento (uma unidade lexical), os fraseologismos compõem-se de vários elementos que formalmente podem ser considerados como uma unidade semântica.

Tomamos como aporte um quadro resumitivo dos tipos de lexias, elaborado por SILVA (2006), no qual o autor apresenta algumas diferenças para que possamos compreender onde se encaixam as unidades fraseológicas.

QUADRO 2 – Tipos de lexias

LEXIA					
MONOLEXEMÁTICA		POLILEXEMÁTICA			
LEXIA SIMPLES		LEXIA COMPOSTA		LEXIA COMPLEXA (fraseológicas)	
SIMPLES	DERIVADA	AGLUTINAÇÃO	JUSTAPOSIÇÃO	FIXA	SEMIFIXA
sal	saleiro	planalto	mão-de-obra	andar a cavalo	guerra fria

Fonte: SILVA, 2006, p. 12 (original).

As unidades fraseológicas são formações polilexicais, mais ou menos fixas, que correspondem ora a um emprego situacional, ora a um emprego denominativo, resultantes de um contexto específico de comunicação. Os fraseologismos são segmentos linguísticos (quase sempre) idiomáticos, culturais e estilísticos, marcados e carregados culturalmente.

Pela profusão terminológica que há em torno dessas unidades, como locuções fraseológicas, fraseolexemas, fraseas, idiomatismos, lexemas idiomáticos, expressões idiomáticas, lexias complexas, optamos por utilizar em nossa pesquisa os termos *fraseologismos* e *unidades fraseológicas*, como equivalentes.

Além da variedade denominativa, existe também certa dificuldade em defini-los. Faz-se, então, necessário observar alguns fatores, como a idiomaticidade, a fixação e a lexicalização, ou seja, a acumulação no léxico e a reprodutibilidade do todo como unidade complexa.

A idiomaticidade refere-se à opacidade ou transparência das expressões na relação entre o significado dos elementos isolados e o significado global do fraseologismo, o que implicaria a possibilidade de classificá-los segundo uma idiomaticidade parcial ou total. O segundo fator refere-se à estabilidade de uso das expressões, implicando uma sequência fixa

dos constituintes do fraseologismo. E o terceiro se relaciona com a acumulação dos fraseologismos no vocabulário de uma língua, a sua lexicalização.

1.4. Propriedades dos fraseologismos

Para que possamos explicar o funcionamento de certos elementos da língua, precisamos de ferramentas metodológicas. No que diz respeito à descrição dos fraseologismos, no entendimento de linha francesa, são utilizados alguns critérios que nos permitem compreender melhor o que são e quais as características dessas unidades, dentre os quais podemos citar: a polilexicalidade, a fixidez, a congruência e a variação.

A primeira delas é a **polilexicalidade**, que consiste em dizer que existem unidades léxicas formadas por mais de um elemento que funcionarão sintaticamente como uma unidade monolexical. A expressão *é filho de lá*, produzida pela informante L.R.B.S., ilustra bem essa característica, pois significa que alguém é originário de determinada localidade. A polilexicalidade é uma das características principais da sequência fixa. Todas as outras características derivam dela, por isso, colocamo-la em primeiro lugar. Todavia, este aspecto não é suficiente para que possamos atribuir o *status* de fraseologismo a uma determinada expressão, existem outros que devem ser levados em consideração, sobre os quais falaremos a seguir.

De acordo com Mejri (2012, p.143), essas unidades resultam do processo de fixação, por meio do qual as solidariedades sintagmáticas admitem as regras da combinatória nos planos sintático e semântico. Dele decorre a **fixidez**, que é um fenômeno fraseológico que descreve o processo de cristalização pelo qual as solidariedades semânticas encontram um congelamento das regras da combinatória sintagmática e por meio do qual as expressões perdem totalmente ou parcialmente sua liberdade combinatória para ter um funcionamento e uma significação globais, como na expressão *dar um branco*. Se alterarmos a ordem de seus elementos, dificilmente se compreenderá o sentido da composição original.

Essa fixidez pode ser também de natureza paradigmática. Por exemplo, em “entrar pela janela” não se pode substituir a palavra *janela* por *porta* sem que seu significado seja alterado. Ainda segundo o autor, uma sequência é dita fixa se ela apresentar uma fixidez total ou parcial das regras da combinatória sintagmática, de comutatividade paradigmática e de composicionalidade semântica.

Outro atributo dos fraseologismos é a **congruência**, que se trata de “um processo de adaptação das unidades lexicais pelo qual elas se integram naturalmente na combinatória” (MEJRI, 2012, p.143), ou seja, a adaptação da estrutura aos preceitos que regem a constituição das sequências fixas. Ela intervém tanto no plano morfológico quanto nos planos sintático, semântico e pragmático. A *prova dos nove* para se testar a congruência nas sequências cristalizadas é a incongruência, ou seja, será incongruente toda sequência que contraria as regras de boa formação da combinatória.

A noção de (in) congruência não se confunde com a noção de gramaticalidade e aceitabilidade, já que essas fazem alusão à ideia de boa formação gramatical, atendendo à norma-padrão da língua. Se, por exemplo, adicionarmos o adjetivo *aberta* à expressão “entrar pela janela”, esta se torna incongruente, pois “entrar pela janela aberta” não possui o mesmo valor semântico da combinatória original, embora gramaticalmente seja aceitável.

Outra característica das unidades fraseológicas é a **variação**, uma vez que seus componentes são passíveis de alterações em sua estrutura, ou seja, um de seus elementos pode ser mudado sem que isso altere o significado global da expressão.

Chama-se variação o fenômeno no qual, na prática corrente, uma língua determinada não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é em outra época, em outro lugar e em outro grupo social. (DUBOIS, 2011 apud PAIM, 2019, p. 30)

Embora a **variação** possa parecer um elemento dicotômico em relação à fixidez, ela é, também, uma propriedade inerente aos fraseologismos, visto que essas unidades são fruto de intercorrências linguísticas que se dão ao longo do tempo.

A variação linguística é o fenômeno inerente a todas as línguas e corresponde às diferentes formas de se dizer o mesmo com o mesmo valor de verdade num determinado contexto comunicativo, ou seja, é o fenômeno de a língua ser diversa, heterogênea. (PAIM, 2019, p.63)

A exemplo disso, podemos citar a expressão *entrar pela janela*, registrada em 1966 por Nascentes, que apresenta a variante *passar pela janela* produzida pelo falante ludovicense G.A.A.R., em 2004, com o mesmo valor. Assim como a expressão *em cima da hora*, que apresenta uma alteração em um de seus elementos - a preposição “em” é substituída pela preposição “de”, a qual dá início ao fraseologismo, sem, contudo, alterar seu sentido no contexto comunicativo.

Interessante frisar que o fenômeno da variação pode ocorrer em todos os níveis da língua e variar conforme o perfil social do falante. No tocante a esse aspecto, a metodologia adotada pelo projeto ALiB nos permitiu verificar se fatores como idade, sexo e escolaridade são relevantes para a variação/manutenção estrutural e semântica dos fraseologismos, fazendo o contraponto com os pares de cada um desses fatores, como veremos mais adiante.

Quando nos deparamos com expressões que possuem essas propriedades, estamos certamente falando de fraseologismos. Além disso, Mejri (1997), principal representante da corrente francesa de fraseologia, afirma que para uma combinação de palavras se configurar como uma unidade fraseológica, é necessário que haja cinco características consideradas essenciais. São elas:

- i) Ser formada por mais de uma palavra;
- ii) Estar institucionalizada, ou seja, convencionada devido ao uso frequente;
- iii) Apresentar algumas particularidades semânticas ou sintáticas;
- iv) Possuir estabilidade, visto que seus componentes mantêm certa ordem;
- v) Ser passível de modificações nos elementos que as integram.

Obviamente, nem sempre será possível verificar todas essas características concomitantemente em um mesmo fraseologismo, mas é bastante provável que, se nos depararmos com uma expressão que possua pelo menos alguns desses atributos, estejamos diante de uma unidade fraseológica. No capítulo destinado à análise dos dados, falaremos mais detalhadamente sobre essas características.

2. UM MUCADO DE COISA: Metodologia

Neste capítulo, apresentamos a metodologia utilizada para realizar esta pesquisa, descrevendo, em 7 seções, os passos que contribuíram para o seu desenvolvimento.

No item 2.1 trazemos a descrição do percurso, citando autores e conceitos, os quais serviram de base para delimitar nosso objeto de estudo; no item 2.2 apresentamos o tipo de pesquisa; no item 2.3 falamos sobre os critérios utilizados para a seleção dos informantes; no item 2.4 apresentamos as ferramentas empregadas para a coleta de dados; em 2.5 discorremos sobre a forma como selecionamos as UFs; em 2.6 apresentamos o programa *Lexique Pro*, muito útil para compilar informações referentes aos dados da pesquisa; e, no item 2.7 apresentamos os dicionários utilizados para investigação do registro das UFs presentes no nosso *corpus*.

2.1. Descrição do percurso

Para este estudo, propusemo-nos pesquisar obras referenciais da fraseologia francesa, especialmente as contribuições dadas por Salah Mejri (1997, 2012, 2017, 2018), Inês Sfar (2016, 2018) e Marcela Paim (2016, 2018, 2019), para que, com esse embasamento, pudéssemos listar os fraseologismos empregados pelos falantes ludovicenses em situação de uso coloquial e informal na interação comunicativa.

Apesar de os fraseologismos serem bastante comuns em todas as línguas, ainda existe uma carência, nos estudos linguísticos, de uma metodologia que possibilite trabalhar especificamente com essas unidades, como afirma Biderman (2005). A complexidade das características dessas expressões decorre da dificuldade de generalização acerca de sua constituição, da inexistência de regularidade estrutural, do fato de apresentarem uma variação que depende de fatores culturais e linguísticos e da circunstância de terem seu significado construído coletivamente. Deste modo, apoiamo-nos na teoria sócio-construtivista, que é uma

postura que defende o papel ativo do sujeito em sua relação com o objeto de conhecimento e a construção da realidade. Dessa forma, o conhecimento é entendido como algo que não se encontra nem nas pessoas, nem fora delas, mas é construído progressivamente pelas interações estabelecidas (GIL, 2008, p.24).

Esse posicionamento retrata bem a origem e a dinâmica por que passam as UFs. Por serem elementos tão singulares da língua, estas unidades merecem uma abordagem que lhes confira certa particularidade em cada estudo a elas destinado. Por isso, apontamos alguns passos que, neste estudo, foram satisfatórios para que alcançássemos os resultados desejados: a) levantamento de materiais no âmbito da Dialectologia, Lexicologia, fraseologia; b) seleção de fraseologismos encontrados nos discursos semidirigidos do projeto ALiB; c) análise estrutural e semântica das UFs selecionadas; d) testagem de características como polilexicalidade, fixidez, congruência e variação; e) preenchimento da tabela com as categorias sugeridas pelo Projeto VALEXTRA.

Cabe, neste capítulo, descrever os procedimentos aplicados para a execução da pesquisa e o processo de constituição do *corpus* utilizado. Para tanto, definiremos o tipo de abordagem da pesquisa, os critérios para seleção dos informantes, a forma como os dados foram coletados e como foram selecionadas as unidades fraseológicas.

Este estudo insere-se na linha de pesquisa Descrição e Análise do Português Brasileiro, do Programa de Pós-Graduação em Letras – PGLetras, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), e objetiva fazer o levantamento das unidades fraseológicas correntes em São Luís do Maranhão.

É nosso propósito apresentar um **glossário** de fraseologismos correntes em São Luís do Maranhão. Para tanto, procedemos à descrição e à categorização dessas unidades, as quais servirão de subsídio para a elaboração de um dicionário de fraseologismos do Brasil e da França, proposto pelo Projeto VALEXTRA.

“[...] o **glossário**, no sentido em que aqui o empregamos, deve recuperar, armazenar e compilar palavras-ocorrências de um *chronos*, de um *topos*, de uma *phasis*, ou, noutros termos, extraídas de um único discurso concretamente realizado.” (BARBOSA, 2001, p. 41)

O *chronos* ao qual Barbosa se refere é o recorte de tempo em que foram realizados os inquéritos com os informantes – 2003/2004. O *topos* diz respeito ao local em que o instrumento foi aplicado – São Luís do Maranhão. E a *phasis* faz referência ao vocabulário fundamental de uma região, de uma classe social ou de um universo de discurso.

Ainda sobre glossários, é válido citar uma ponderação feita por Rivera Dominguez (1985 apud Barbosa, 2001): “Se os dados forem baseados na língua, teremos dicionários e

léxicos, mas se o corpus pertence à fala, resultarão vocabulários e glossários.¹ Portanto, um glossário será um “dicionário de discurso” e não “dicionário de língua”, já que demanda uma situação de discurso exclusiva e bem determinada.

2.2. Tipo de pesquisa

O léxico é o componente da língua que mais está suscetível a alterações e é também o que melhor revela a realidade extralinguística de uma comunidade. Por isso, nos valem de uma profícua relação entre dois domínios próprios: os atlas linguísticos e a Fraseologia. Tal relação nos permite identificar e mapear particularidades linguísticas, como as unidades fraseológicas regionais e socioétnicas.

Pautamos-nos na Geolinguística Pluridimensional, utilizando os dados obtidos pelo Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB, para recensear as unidades examinadas neste trabalho. Esse campo de conhecimento se diferencia de outros pela averiguação da variação linguística com enfoque no aspecto geográfico. Segundo Coseriu (1987, p. 79 apud Rodrigues, 2015, p. 38), a Geolinguística

designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe o **registro em mapas especiais** de um número relativamente elevado **de formas linguísticas** (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante **pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território**, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados.

O mesmo enfoque foi dado às UFs que compõem o *corpus* desta pesquisa, uma vez que dispomos de dados de natureza geolinguística e que podem apresentar variações de diferentes ordens: fônicas, lexicais e gramaticais, como supracitado, além de permitir que identifiquemos e mapeemos diversas realizações de uma mesma palavra/expressão em múltiplas localidades.

O caráter pluridimensional atribuído a esta pesquisa deriva do fato de as variáveis de ordem linguística coexistirem com outras igualmente importantes, as variáveis sociais, que muito influenciam no falar de uma comunidade.

¹ “Si el dato se basa en la lengua, tendremos diccionarios y léxicos, pero si el *corpus* pertenece al habla, resultarán vocabularios y glosarios”

Um olhar retrospectivo para a história da Dialetologia e da Geolinguística/Geografia Linguística permite, pois, observar que, em diferentes continentes e em épocas distintas, houve o que Thun (2005) denomina de “apelos à pluridimensionalidade”, embora a maioria desses “apelos” tenha se limitado a introduzir determinadas variáveis sociais na metodologia do projeto e a sinalizar para a necessidade de o fenômeno linguístico ser examinado também segundo variáveis sociais, já que a par de fatores espaciais, condicionantes sociais interferem de forma significativa nos processos de variação e mudança linguísticas. (ISQUERDO; ROMANO, 2012 apud BELLI RODRIGUES, 2015).

A pluridimensionalidade tem por fato gerador a própria dinâmica da língua. Assim, dados de fala, ainda que restritos a um espaço geográfico delimitado, podem evidenciar marcas tanto de homogeneidade quanto de heterogeneidade linguísticas, culturais, étnicas. Os mapas geolinguísticos pluridimensionais permitem que visualizemos a variação de um determinado fenômeno segundo os parâmetros diagenérico, diageracional, diastrático dentre outros mais.

Esta pesquisa possui caráter qualitativo, uma vez que seu foco está na interpretação subjetiva do fenômeno em questão, produzindo, assim, conhecimento científico atrelado à vivência dos informantes. E, para ratificar essa informação, nos apoiamos no que diz Bortoni-Ricardo (2008, p. 34) a esse respeito: “a pesquisa qualitativa procura interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto.” Assim, afirmamos que a observação do mundo e dos fenômenos que nele se dão está diretamente vinculada às práticas sociais dos indivíduos e aos significados que delas surgem, como acontece com as UFs.

2.3. Seleção dos informantes

Este estudo adota como base o *corpus* do Projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil, empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, que está em desenvolvimento e tem por meta a realização de um atlas geral do Brasil no que diz respeito à língua portuguesa.

Iniciado no ano de 1996 e sediado na UFBA (Universidade Federal da Bahia), o projeto é coordenado por um Comitê Nacional que congrega pesquisadores de 14 (quatorze) universidades brasileiras signatárias de um convênio de cooperação interinstitucional firmado entre as instituições, dentre as quais está Universidade Federal do Maranhão. O ALiB tem como objetivo mais amplo a descrição da variante brasileira do português, na sua modalidade oral, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas, diagenéricas,

diastráticas e diageracionais. O projeto adota como metodologia os parâmetros da Dialetoologia Pluridimensional.

A partir desses pressupostos, o Projeto ALiB definiu o seguinte perfil dos informantes para fins de coleta de dados linguísticos: pessoas nascidas e criadas na localidade pesquisada e com pais também oriundos dessa localidade, compreendendo duas faixas etárias: faixa I – jovens (18 a 30); faixa II – idosos (50 a 65), de ambos os sexos. Quanto à escolaridade, o informante deve ter cursado o Ensino Fundamental incompleto (localidades do interior dos Estados e nas capitais) e Ensino Superior (apenas nas capitais). O gráfico, a seguir, mostra o perfil dos informantes oriundos de São Luís do Maranhão.

QUADRO 3 – Perfil dos informantes

		SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
1	G.A.A.R.	masculino	de 18 a 30 anos	ensino fundamental
2	R.A.X.	feminino	de 18 a 30 anos	ensino fundamental
3	J.O.B.	masculino	de 50 a 65 anos	ensino fundamental
4	L.R.B.S.	feminino	de 50 a 65 anos	ensino fundamental
5	N.C.N.	masculino	de 18 a 30 anos	ensino superior
6	R.M.J.	feminino	de 18 a 30 anos	ensino superior
7	A.O.P.F.	masculino	de 50 a 65 anos	ensino superior
8	I.P.P.R.	feminino	de 50 a 65 anos	ensino superior

Fonte: Elaborado pela autora

Desta forma, a investigação da produção dos fraseologismos foi feita segundo os parâmetros do referido projeto para averiguar se existiam diferenças diagenéricas, diastráticas e diageracionais entre os falantes da capital maranhense.

2.4. Coleta de dados

Para a obtenção das unidades fraseológicas, foram utilizadas narrativas de cunho pessoal, presentes nos inquéritos do Projeto ALiB, cujo conteúdo diz respeito a fatos que marcaram positiva ou negativamente os informantes, como mostra o quadro 4:

QUADRO 4 – Temas para discursos semidirigidos

<p>TEMAS PARA DISCURSOS SEMIDIRIGIDOS</p> <p>1. Relato pessoal</p> <p>Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro...).</p> <p>2. Comentário</p> <p>De que programas de televisão você/o(a) senhor(a) gosta mais? Por quê?</p> <p>3. Descrição</p> <p>Você/o(a) senhor(a) trabalha em quê? Fale um pouco sobre seu trabalho.</p> <p>4. Relato não pessoal</p> <p>Conte um caso/ um fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, que tenha acontecido com um amigo, etc.).</p>

Fonte: Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001.

A narração de um acontecimento pessoal, ou mesmo de uma lembrança sobre outrem, que tivera alguma relevância, favorece a realização da fala espontânea, sem

preocupação com o uso da norma padrão da língua, situação propícia para a realização de fraseologismos, visto que nessa parte do inquérito não se buscam respostas prontas, como ocorre em outros campos do questionário, como o QFF (Questionário Fonético-Fonológico), o QSL (Questionário Semântico-Lexical) e o QMS (Questionário Morfossintático). Os TDS (Temas para Discursos Semidirigidos) são mais favoráveis à obtenção de falas espontâneas por conter narrativas pessoais orais, portanto, são a melhor alternativa para coletar essas unidades da língua portuguesa – os fraseologismos.

2.5. Seleção das UFs

Para que procedêssemos à seleção das UFs, nos valemos primeiramente de alguns princípios norteadores da Fraseologia francesa - polilexicalidade, fixidez, congruência e variação - e fizemos a testagem dessas características nos fraseologismos selecionados para este estudo. Em seguida, tomamos como parâmetro a metodologia adotada pelo Projeto VALEXTRA - *Variação lexical: teorias, recursos e aplicações - do condicionamento lexical às constrições pragmáticas*.

O projeto tem como objetivo maior propor uma microestrutura lexicográfica que conjugue os elementos descritivos adequados a essas unidades. Nela, serão descritos os aspectos morfossintáticos, semânticos, conceituais, discursivos, paradigmáticos e de tradução.

Com base em Marques (2015-2020), os objetivos específicos do projeto consistem em: i) constituir a base de dados colocacionais bilíngues Francês/Português Brasileiro a partir de corpus textual; ii) fornecer respostas para os questionamentos teóricos que serão apresentados; iii) mostrar em que dimensão o fenômeno da colocação atua na idiomatidade de uma língua ou de uma variedade de língua, ocorrências no português brasileiro em relação à lusofonia em geral; iv) observar a importância quantitativa e qualitativa de diferentes tipos de variação, em função da descrição lexicográfica que se pretende realizar.

O método adotado pelo projeto VALEXTRA consiste no preenchimento de uma tabela com 24 categorias de análise, a saber:

1. Entrada
2. Categoria gramatical
3. Estrutura interna

4. Atualização
5. Variantes
6. Sentido literal
7. Sentido global
8. Tradução em francês
9. Fraseologismo equivalente em francês
10. Cidade
11. Estado
12. Região
13. Tipo de questionário
14. Informante
15. Sexo
16. Idade
17. Escolaridade
18. Domínio semântico
19. Conotação
20. Nível de língua
21. Enunciados autônomos
22. Situação comunicativa
23. Definição
24. Contexto

Tais categorias estão dispostas em planilha formato *Excel*, das quais utilizamos apenas doze, as quais consideramos suficientes para os fins deste trabalho. A seguir, apresentamos uma mostra com quatro dessas variáveis, para exemplificar:

Imagem 1 – Tabela de fraseologismos - VALEXTRA

	A	B	C	G
1	ENTRADA	CATEGORIA GRAMATICAL	ESTRUTURA INTERNA	SENTIDO GLOBAL
2	Bancar o sacana	sintagma verbal	verbo + artigo + adjetivo	Fazer as vezes ou papel de; fingir.
3	Bater peso	sintagma verbal	verbo + substantivo	Fazer musculação e tornar-se muito forte, fisicamente; carregar peso.
4	Bocado de coisa	sintagma nominal	substantivo + preposição + subst.	Grande quantidade ou variedade de algo.
5	Botar fé	sintagma verbal	verbo + substantivo	Acreditar em; ter confiança em
6	Em cima da hora	sintagma preposicional	preposição + advérbio + preposição + substantivo	No momento exato, preciso.
7	Entrar pela janela	sintagma verbal	substantivo + preposição + substantivo	Ser admitido em instituição pública sem passar pelo processo usual de admissão
8	Estourar a bomba	sintagma verbal	artigo + substantivo + verbo	Disseminar uma notícia ou acontecimento que causa espanto e/ou perturba a ord

Fonte: Acervo do pesquisador

Obs.: A planilha não apresenta todas as categorias abordadas, pois não seria possível inserir uma imagem com todos os campos preenchidos no formato *Excel* para o *Word*.

Das vinte e quatro categorias presentes na tabela, que destarte se apresente dessa forma em planilha do programa *Excel*, selecionamos algumas delas, apenas as que consideramos mais relevantes para este estudo, a saber:

1. **Entrada** – fraseologismo utilizado pelo informante, que funciona como objeto de descrição.
2. **Categoria gramatical** – classificação do sintagma, segundo o grau de importância do núcleo da sentença.
3. **Estrutura interna** - classificação morfológica de cada vocábulo presente no sintagma.
4. **Sentido literal** – definição adotada em dicionários gerais da língua.
5. **Sentido global** – sentido (geralmente conotativo) que o fraseologismo adquire em determinado contexto.
6. **Tipo de questionário** – parte do questionário do Projeto ALiB utilizada para coleta e análise dos dados.
7. **Informante** – código por meio do qual o informante é identificado.
8. **Sexo** – sexo do informante.

9. **Idade** – idade do informante.
10. **Escolaridade** – grau de instrução do informante.
11. **Definição** – definição do dicionário de língua geral.
12. **Contexto** – circunstância em que foi produzido o fraseologismo.

Com o auxílio desses itens, procedemos à descrição dos fraseologismos selecionados para este estudo no capítulo referente à análise dos dados e, para a elaboração do glossário, utilizamos apenas quatro das categorias acima: categoria gramatical, definição e contexto.

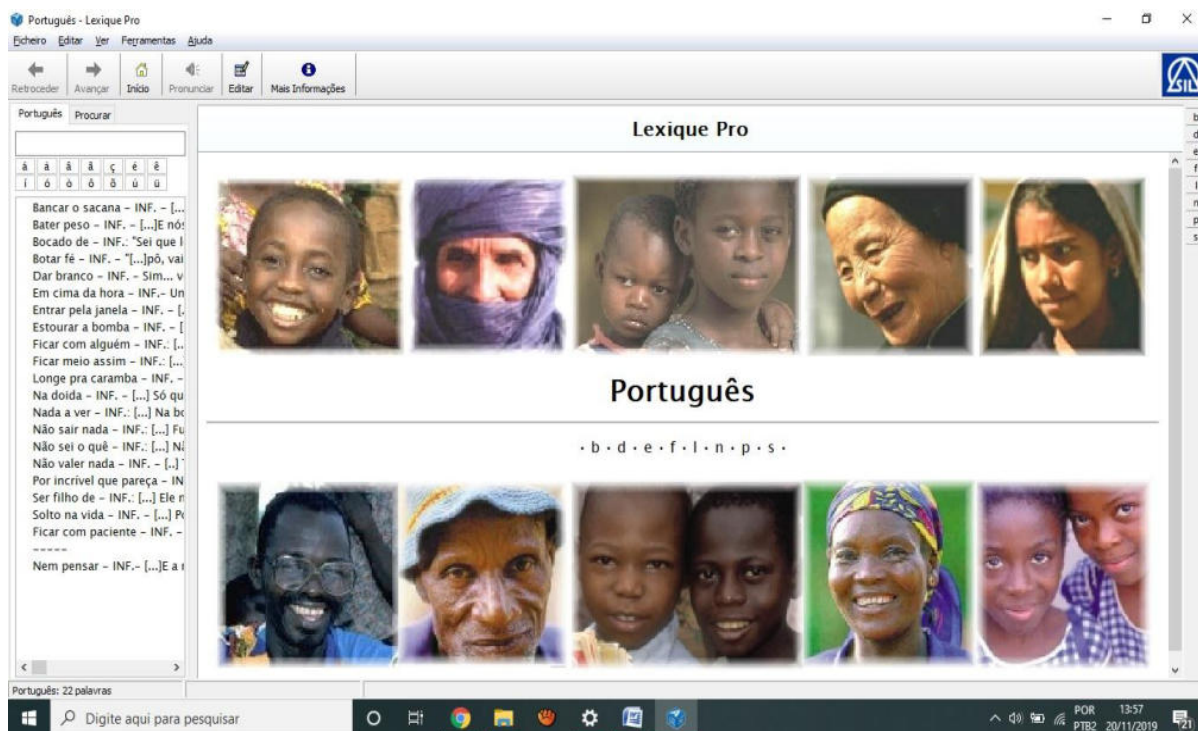
2.6. O Programa Lexique Pro²

Com o advento da informática e sua inserção nas mais variadas esferas de conhecimento, as pesquisas adquiriram um valioso instrumento para o avanço dos estudos realizados, especialmente na área da Lexicologia, da Lexicografia e da Terminologia: o programa *Lexique Pro, software* (de distribuição livre) que permite criar e editar bancos de dados lexicais, com a finalidade de produzir dicionários e glossários digitais.

O Lexique Pro é um software que permite a seus usuários gerenciar e criar base de dados em formato *Web* ou *Word*. Dentre os recursos disponibilizados pelo programa, estão: fichas terminológicas digitais automáticas, reprodução de imagens (em formato jpg.), som (em formato mp3 e avi) e vídeos (em formato jvg.). Essa plataforma interativa possibilita uma maior clareza dos dados nela contidos e facilidade de uso. As entradas lexicais são exibidas em uma lista em ordem alfabética na tela inicial à direita da tela, conforme a imagem a seguir:

² O Lexique Pro é um programa da instituição norte-americana, não-governamental e sem fins lucrativos, Summer Institute of Linguistic – SIL, INC. que desenvolve programas gratuitos de processamento de linguagens. O programa está disponível gratuitamente na página que o Instituto criou para disponibilizá-lo: www.lexiquepro.com

Imagem 2 – Tela inicial do programa Lexique Pro

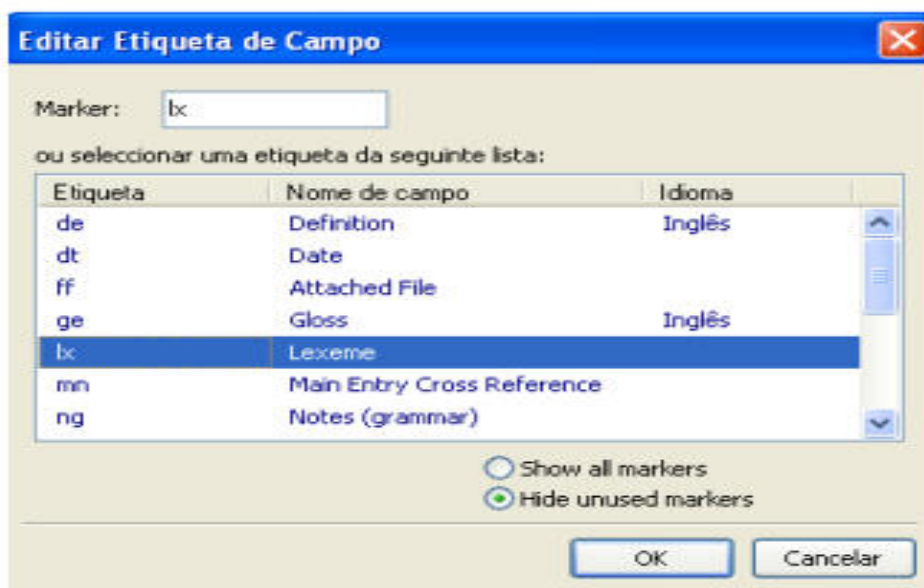


Fonte: Acervo do pesquisador

Conforme a imagem, percebemos que na extremidade superior direita encontra-se uma fileira de letras, em ordem alfabética, indicando que no glossário existem apenas entradas com aquelas respectivas letras. Ao lado esquerdo, vemos a listagem dos verbetes já registrados.

As informações podem ser inseridas na plataforma do programa de acordo com um código específico (etiquetas) que o próprio programa disponibiliza. Um exemplo dessas etiquetas é o código “lx”. Todas as informações colocadas nesse campo da plataforma do programa aparecem como entrada do dicionário ou o glossário que está sendo produzindo, como se pode ver na imagem a seguir:

Imagem 3 – Etiqueta de campo/programa Lexique Pro

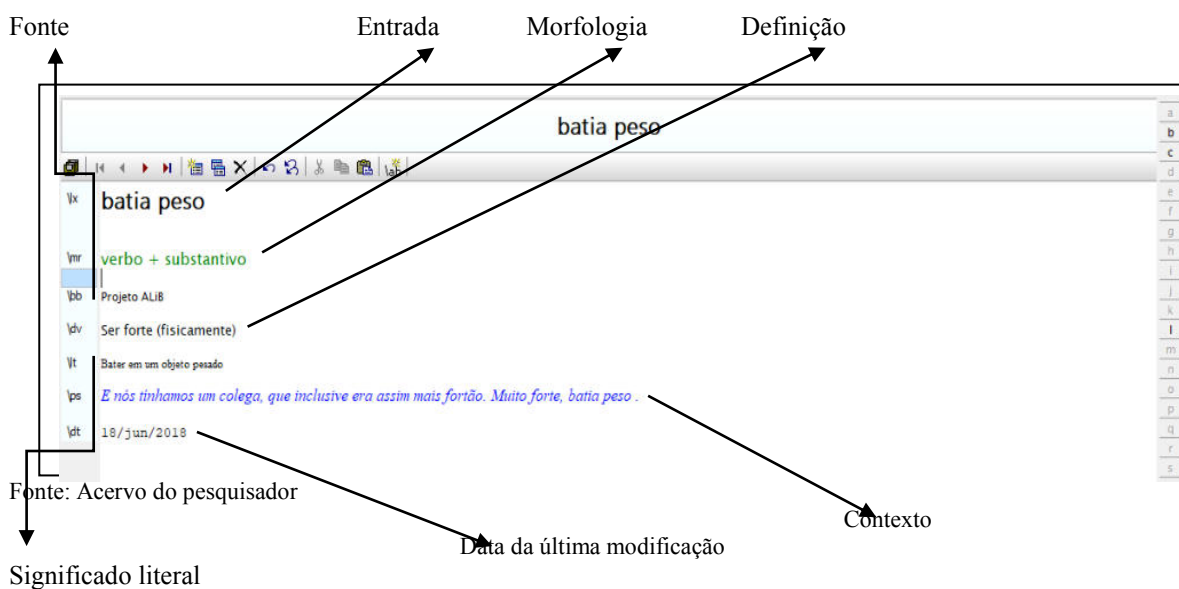


Fonte: Acervo do pesquisador

As etiquetas são, na verdade, códigos por meio dos quais o programa opera, transformando as informações colocadas no campo de cada código em uma categoria do glossário, como a entrada principal, informações gramaticais, sinônimos, dentre outros.

Após selecionarmos o código (ou etiqueta), escrevemos a informação de acordo com o objetivo de cada trabalho. Cabe ao lexicógrafo decidir, com base em seus objetivos, o ordenamento da definição e das ilustrações, ou seja, que informações serão mais relevantes e qual a sua ordem de importância. Em seguida, apresentamos um exemplo de como é feito o uso das etiquetas do programa, já com um dos dados do nosso *corpus*.

Imagem 4 – Verbete Eletrônico



A seguir, apresentamos as etiquetas das quais nos apropriamos para a produção dos verbetes e sua tradução:

- `\lx` = lexeme (lexema)
- `\mn` = main entry cross reference (palavra-entrada)
- `\mr` = morphology (morfologia)
- `\bb` = bibliography (fonte)
- `\va` = variant form (variante)
- `\dv` = definition (definição)
- `\ps` = part of speech (parte do discurso/contexto)
- `\nt` = notes (general) (nota (geral))

A ordem em que as informações aparecem em nosso trabalho não seguiu necessariamente a ordem apresentada aqui. Pensamos, contudo, que essas informações caracterizam um bom modelo sociolexicográfico de verbete.

2.7. Dos dicionários

Este estudo também possui o intento de verificar a ocorrência dos fraseologismos que foram selecionados para este estudo em obras lexicográficas. Para tanto, selecionamos três dicionários gerais da língua portuguesa, editados no Brasil, e duas obras de especialidade que tratam especificamente da recolha de fraseologismos.

Dos dicionários gerais, investigamos o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001), de Houaiss e Villar, o *Moderno dicionário da língua portuguesa* (2002), de Michaelis e o *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (2011), de Caldas Aulete. No que se refere às obras de especialidade, averiguamos o *Tesouro da Fraseologia Brasileira* (1966), de Antenor Nascentes, e o *Dicionário de expressões populares da língua portuguesa* (2010), de Silveira.

Primeiramente, para que pudéssemos fazer a seleção do *corpus*, foi preciso que nos debruçássemos sobre todo o aporte teórico concernente à Fraseologia de vertente francesa para que, a partir disso, pudéssemos eleger aquelas expressões que se enquadravam nos conceitos que embasam esta linha de pesquisa. Em seguida, já em posse dos fraseologismos selecionados, procedemos ao escalonamento de sua estrutura, investigando, assim, sua morfologia e as composições que mais se repetem.

Após a apuração das tipologias que são mais ocorrentes, passamos então para a verificação da ocorrência dos fraseologismos nos dicionários. A começar pela procura das palavras (e das classes de palavras) que são mais produtivas nos dicionários, aquelas que são utilizadas como palavras-entrada. Posteriormente, assentamos as definições e os possíveis exemplos e variantes dos fraseologismos encontrados nos verbetes de cada obra.

A partir dessas informações, convertemos todo o repertório referente aos fraseologismos analisados em verbetes do programa *Lexique Pro* para que, dessa forma, pudéssemos detalhar e organizar as informações encontradas nas referidas obras. Cada verbete gerado pelo programa é composto pela *morfologia*, *entrada principal*, *definição*, *variante*, *exemplo* (quando houver nos dicionários) e o *contexto* no qual o fraseologismo foi produzido.

3. A BOMBA ESTOUROU: ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo se destina aos resultados da pesquisa. Nele, trazemos a análise dos fraseologismos encontrados no falar dos ludovicenses, assim como o levantamento do registro dessas unidades em dicionários gerais, de grande circulação, e dicionários de especialidade.

Nesta seção, apresentamos três itens de análise: 3.1. *Por que denominar essas unidades como fraseologismos?* - neste subtópico, falaremos sobre as características que os fraseologismos devem apresentar; 3.2. *Descrição dos fraseologismos no falar ludovicense* trata da descrição estrutural e semântica das unidades fraseológicas identificadas no *corpus* do Projeto ALiB; e 3.3. *Da dicionarização das UFs*, versa sobre a catalogação dessas unidades nos dicionários selecionados para compor este estudo.

3.1. Por que denominar essas unidades como fraseologismos?

A dificuldade de delimitar uma classificação satisfatória para essas unidades é uma preocupação antiga da qual vários pesquisadores na área da fraseologia se ocupam. Muitos são os questionamentos quando se trata de definir os critérios que nortearão a categoria em que se enquadram esses elementos da língua.

Já vimos que muitas são suas denominações. Agora, veremos os critérios segundo os quais consideramos que uma lexia se configure como um fraseologismo. Para tanto, retomamos os tópicos elaborados por Mejri (1997), que sucintamente delimitam as características de uma unidade fraseológica:

(I) ser formada por mais de uma palavra; (II) estar institucionalizada, ou seja, convencionalizada devido ao uso frequente; (III) apresentar algumas particularidades semânticas ou sintáticas; (IV) possuir estabilidade, visto que seus componentes mantêm certa ordem; (V) ser passível de modificações nos elementos que as integram.

Primeiramente, em relação ao item I, é indubitável que todas as expressões selecionadas para esta pesquisa são unidades polilexicais, ou seja, são um conjunto de palavras cujo valor corresponde ao de um termo único, quando se trata de um fraseologismo denominativo - por exemplo: *ser filho de* (quando dizemos que alguém é filho de São Luís, queremos dizer que esse alguém é ludovicense) -, ou que cabe ser empregado em uma

situação de uso bastante específica – como quando se quer referir a alguém que apresenta uma aparência robusta/musculosa, se diz que o indivíduo *bate peso*.

O item II, que trata da institucionalização das UFs, guarda relação com o registro dessas expressões nos dicionários, notoriamente nos de grande circulação. Sabemos que uma lexia comumente aparece em obras lexicográficas se houver uma alta frequência de uso por parte dos falantes. Como exemplo podemos citar a expressão *em cima da hora*, que foi registrada em todos os dicionários analisados neste estudo. Seu *status* de expressão institucionalizada se deve ao fato de ter sido convencionada pela grande frequência de uso, em situações bastante específicas.

Já o item III se refere aos aspectos semântico e sintático. Quanto ao primeiro, podemos afirmar que, dependendo do contexto em que são produzidas, essas unidades podem adquirir um novo significado. A exemplo disso, citamos o informante A.O.P.F., que utilizou dois fraseologismos que, a priori, teriam sentidos equivalentes; entretanto, nos contextos em que empregou as expressões, estas adquiriram sentidos diferenciados (ver as expressões *não sair nada* e *dar um branco* - anexos 5 e 9, respectivamente).

Em relação ao segundo aspecto, o sintático, é mister frisarmos que este faz um paralelo com a propriedade da congruência, uma vez que, ao inserirmos um novo elemento em um fraseologismo já cristalizado, estaremos alterando sua composição original e, muito provavelmente, seu significado, como se pode verificar em *estourou a bomba*; se acrescentarmos a palavra “relógio” – *estourou a bomba-relógio* –, a expressão perde seu significado metafórico. Podemos ratificar, ainda, com as expressões *ficar com alguém* (namorar sem compromisso) e *ficar com um paciente* (fazer o acompanhamento de um paciente) - ver anexos 6 e 8. Aparentemente, sua composição é semelhante; entretanto, ao modificarmos os complementos verbais, seu significado é totalmente alterado.

O item IV se refere à estrutura da expressão que, por possuir certo grau de fixidez, dificilmente será decomposta sem que isso altere seu significado global – não literal. Mejri (2012) afirma que o processo de fixação pode ocorrer tanto no eixo sintagmático quanto no eixo paradigmático e que essa fixação pode ter efeitos tanto na combinatória interna – que guarda relação com o imagético das palavras, os estereótipos - quanto na combinatória externa – a ordem na qual os elementos se apresentam. Um exemplo desse caso em nosso *corpus* seria a expressão *nada a ver*. Observe:

nada	a	ver
nada	a	olhar
nada	para	ver

Fonte: Elaborado pela autora

Devido à fixidez interna, a sequência *nada a ver* não aceitaria a comutação do verbo *ver* por *olhar*, ainda que tenham significados semelhantes; nem mesmo admitiria a substituição da preposição *a* por *para*, apesar de possuírem a mesma função sintática. Neste ponto, há que se falar novamente na noção de congruência, amplamente discutida por Mejri e Sfar, pois este critério remete ao processo de adequação da estrutura sintagmática às regras de formação das sequências fixas, nos níveis morfológico, sintático e semântico.

O item V guarda relação com uma propriedade que é inerente a todas as línguas: a variação. Por sua dinamicidade, a língua está sujeita a alterações que podem se dar em diversos níveis: morfossintático, semântico-lexical, estilístico-pragmático, diatópico, diastrático, etc. Exemplo disso é a expressão *não valer nada*, cuja variante encontramos em Aulete (2011), com a estrutura modificada – *não vale o prato que come* -, porém, com o mesmo sentido.

Biderman (2001, p. 203) já dizia que “o léxico é um sistema aberto e em expansão. Incessantemente, novas criações são incorporadas ao léxico. Só existe uma possibilidade para um sistema lexical se cristalizar: a morte da língua”. Assim, afirmamos que, embora haja elementos cristalizados na língua, sempre existe a possibilidade de modificação, pelos mais diversos fatores, especialmente devido à dinâmica pela qual a língua perpassa.

3.2. Descrição dos fraseologismos no falar ludovicense

O exame dos fraseologismos presentes no *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil, mais especificamente nos discursos semidirigidos, nos permite ter acesso ao retrato do falar espontâneo de falantes oriundos de São Luís do Maranhão. Da relação entre esses dois domínios próprios - os atlas e a Fraseologia - resultam algumas constatações:

(i) o emprego dos fraseologismos é mais recorrente na fala do que na escrita, e os atlas recolhem dados de fala; (ii) as interações entre inquiridores e informantes favorecem o surgimento de fraseologismos, seja numa perspectiva geral ou denominativa, principalmente, nos momentos em que o instrumento de coleta de dados do ALiB se aproxima de uma conversa livre, mais espontânea [...]; e o uso de dados que são recolhidos para os atlas, considerando a inserção dos falantes nos espaços geográfico e social, propicia a exploração, também no âmbito da fraseologia, da variação nos eixos diatópico e diastrático (RAMOS; BEZERRA e SILVA, 2018, p. 8).

*Puxando a brasa para a nossa sardinha*³, asseveramos que, por serem dados espontâneos da fala, as UFs realizadas pelos informantes nos campos acima citados traduzem valores, costumes, crenças, particularidades regionais, de modo tão natural que, por vezes, sequer percebemos quando há alguma variação ao se produzir um ou outro fraseologismo, como podemos observar na lista a seguir, que contém 21 unidades fraseológicas, produzidas pelos próprios informantes.

1. **Bancar o sacana**
2. **Bater peso** (*batia peso*)
3. **Bocado de** (*mucado de coisa*)
4. **Botar fé** (*boto fé em vocês*)
5. **Dar um branco** (*dá um branco*)
6. **Em cima da hora** (*de cima da hora*)
7. **Entrar pela janela** (*passagem pela janela*)
8. **Estourar a bomba** (*a bomba estourou*)
9. **Fazer na doida**

³ No dicionário informal, site <http://www.dicionarioinformal.com.br>, essa expressão significa “Levar vantagem exclusivamente em proveito próprio, antigamente nos cortiços, assavam as sardinhas para iluminar o ambiente, haviam tantas discussões, quando tiravam as brasas, ficava escuro, ficaram proibidos o ingresso de sardinhas.”

10. **Ficar com alguém** (*fiquei com ela*) (*ficou comigo*)
11. **Ficar com paciente** (*um paciente que ficou comigo durante três anos*)
12. **Ficar meio assim** (*ficou meio assim*)
13. **Longe pra caramba**
14. **Nada a ver**
15. **Não sair nada** (*não saiu nada*)
16. **Não sei o quê**
17. **Não valer nada** (*não vale nada*)
18. **Nem pensar**
19. **Por incrível que pareça**
20. **Ser filho de** (*é filho de lá*)
21. **Solto na vida**

No que diz respeito à estrutura, foram observadas 17 tipologias, dentre as 21 unidades fraseológicas selecionadas, as quais apresentam uma diversidade em relação a sua composição e, por conseguinte, à classificação morfológica dos elementos que as compõem. A seguir, apresentamos a listagem das tipologias estruturais dessas unidades, utilizando um exemplo extraído do *corpus* para cada tipo de estrutura.

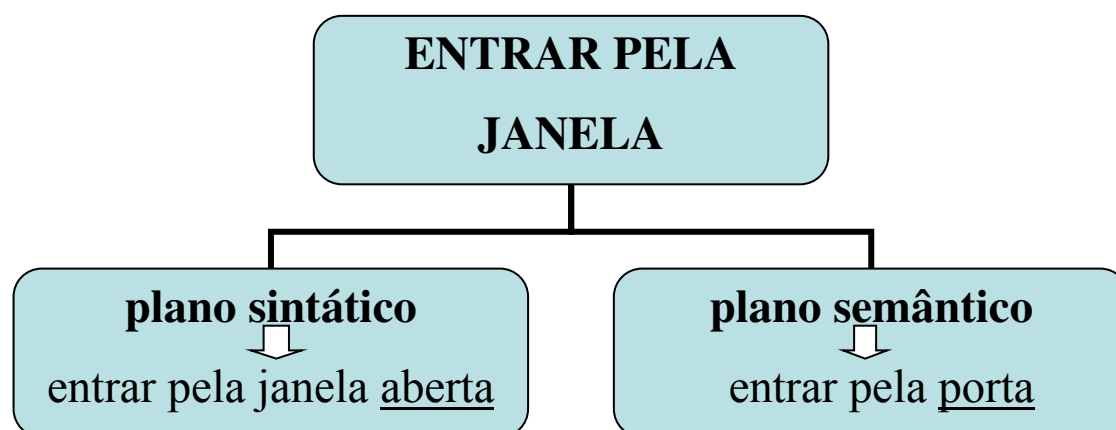
- A. adjetivo + preposição + artigo + substantivo – *solto na vida*
- B. advérbio + preposição + interjeição – *longe pra caramba*
- C. advérbio + verbo + artigo + substantivo – *não sei o quê*
- D. advérbio + verbo + pronome – *não valer nada*
- E. conjunção + verbo – *nem pensar*
- F. preposição + adjetivo + pronome + verbo – *por incrível que pareça*
- G. preposição + advérbio + preposição + artigo + substantivo – *em cima da hora*
- H. pronome + preposição + verbo – *nada a ver*
- I. substantivo + preposição – *bocado de*
- J. verbo + advérbio + advérbio – *ficar meio assim*
- K. verbo + artigo + adjetivo – *bancar o sacana*
- L. verbo + artigo + substantivo – *estourar a bomba*
- M. verbo + preposição + artigo + adjetivo – *fazer na doida*
- N. verbo + preposição + artigo + substantivo – *entrar pela janela*

- O. verbo + preposição + substantivo – *ficar com alguém*
- P. verbo + substantivo – *bater peso*
- Q. verbo + substantivo + preposição – *ser filho de*

Da relação acima apresentada, observamos que as tipologias **D**, **K**, **O** e **P** se repetem, pois constam de nossos dados dois fraseologismos do tipo **D** – *não sair nada* e *não valer nada* -, dois do tipo **K** – *bancar o sacana* e *dar um branco*, duas do tipo **O** – *ficar com alguém* e *ficar com paciente* e dois do tipo **P** - *bater peso* e *botar fé*. Podemos afirmar, ainda, que as expressões catalogadas neste estudo se configuram como unidades fraseológicas, segundo a vertente francesa, uma vez que apresentam características que são típicas desse tipo de unidade, como a polilexicalidade, a fixidez, a congruência e a variação.

Para uma melhor visualização dessas características, que se dão tanto no plano sintático quanto no plano semântico, tomaremos como exemplo para testagem um de nossos fraseologismos:

Imagem 5 – Diagrama de testagem das propriedades das UFs



Conforme o diagrama acima, percebemos que os fraseologismos possuem uma estrutura fixa, que dificilmente será decomposta sem que ocorra uma alteração de sentido, seja no plano sintático ou no plano semântico. A expressão cristalizada “entrar pela janela” não admite que se coloque um elemento a mais, como o adjetivo *aberta*, o que tornaria a expressão incongruente; nem admite que se substitua a palavra *janela* por *porta* - propriedade da fixidez. Em ambos os casos, a expressão perde seu sentido original.

Interessante frisar que essa fixidez pode se dar em maior ou menor grau. Assim quando mais *transparente* for uma expressão, mais fácil será identificar seu significado; seu grau de fixidez será menor. Do contrário, quanto mais *opaca* for a expressão, o processo de dedução do seu significado também se tornará mais complexo, já que dificilmente se poderá alterar os componentes de sua formação e mais fixa ela será.

3.3. Da dicionarização das UFs

Propusemo-nos verificar a ocorrência dos fraseologismos selecionados para compor este estudo nas cinco obras lexicográficas escolhidas, por serem bastante conhecidas, com a finalidade de averiguar se sua frequência de uso era significativa a ponto de serem contemplados nestas obras. O quadro a seguir trata da dicionarização dos fraseologismos que compõem nosso *corpus* e nos dá o seguinte panorama:

QUADRO 5 – Registro dos fraseologismos nos dicionários

		DICIONÁRIOS GERAIS			DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
		Houaiss e Villar (2001)	Michaelis (2002)	Aulete (2011)	Nascentes (1966)	Silveira (2010)
FRASEOLOGISMOS/ DICIONÁRIOS						
1	Bancar o sacana	x				
2	Bater peso					
3	Bocado de	x	x	x		
4	Botar fé	x		x	x	x
5	Dar um branco			x		
6	Em cima da hora	x	x	x	x	x
7	Entrar pela janela	x		x	x	x

FRASEOLOGISMOS/ DICIONÁRIOS		Houaiss e Villar (2001)	Michaelis (2002)	Aulete (2011)	Nascentes (1966)	Silveira (2010)
8	Estourar a bomba	x		x	x	x
9	Fazer na doida	x				
10	Ficar com alguém	x		x		
11	Ficar com paciente	x	x	x		
12	Ficar meio assim					
13	Longe pra caramba	x		x	x	x
14	Nada a ver				x	
15	Não sair nada					
16	Não sei o quê	x	x	x		
17	Não valer nada	x	x	x		
18	Nem pensar					
19	Por incrível que pareça					
20	Ser filho de	x	x	x		
21	Solto na vida	x		x		X

Fonte: Elaborado pela autora

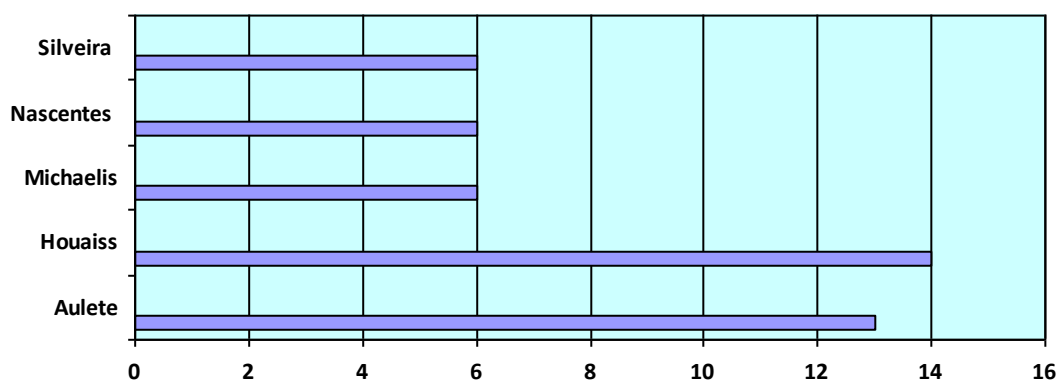
Essa listagem, que já fora maior, apresentou alterações desde que começamos a averiguar a existência de fraseologismos no *corpus* do ALiB. Ao longo da pesquisa, verificamos, por meio de postulados de autores que seguem a Fraseologia de vertente francesa, que somente alguns se enquadravam aos critérios definidores dos fraseologismos, suscitando, assim, certa dúvida sobre a anuência dos demais nesta linha de pesquisa; por isso, pusemos no Quadro 5 apenas as UFs que melhor se ajustaram aos princípios nela contidos.

Por meio do exame do quadro 5, pudemos fazer o cálculo do percentual das ocorrências de registro ou não dos fraseologismos selecionados nas referidas obras. Assim, a dicionarização das UFs se dá nas seguintes proporções:

- Aulete – 62%
- Houaiss – 66,6%
- Michaelis – 28,5%
- Nascentes – 28,5%
- Silveira – 28,5%

Supomos, então, que esses percentuais apresentados se dão por dois motivos: I) o dicionário *Aulete* é o mais atualizado dentre os demais; e II) o *Houaiss* é o dicionário de maior amplitude, ou seja, contém uma quantidade maior de verbetes em relação aos outros, por isso apresenta um número mais significativo de unidades fraseológicas.

Gráfico 1 - Quantitativo de UFs (em unidades) por dicionário



Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos observar, dentre os dicionários escolhidos para compor este estudo, o que registra o maior número de UFs é do tipo ‘dicionário de língua geral’, sendo o *Houaiss* o que contém uma quantidade mais expressiva de expressões. Em contrapartida, os dicionários especializados em fraseologismos apresentaram registros dessas mesmas unidades de forma pouco significativa. Provavelmente, esse fato se dá pela data de recolha e publicação das obras. É possível que as UFs tenham sofrido alterações ao longo do tempo ou tenham sido substituídas por outras de igual valor.

Constatamos, então, que: (i) os dicionários de língua geral trazem um número bem mais expressivo de registro das UFs em relação aos dicionários de especialidade; (ii) não há ocorrência de cinco dos fraseologismos – a saber, *bater peso*, *ficar meio assim*, *nada a ver*, *nem pensar* e *por incrível que pareça* - em nenhum dos dicionários utilizados na pesquisa; e (iii) apenas o fraseologismo *em cima da hora* fora contemplado em todos os dicionários.

A seguir, apresentamos um glossário dos fraseologismos encontrados em São Luís do Maranhão, por meio do *corpus* do projeto ALiB, que é uma parte da análise feita, conforme orientações dadas pelo projeto VALEXTRA, e que foi muito útil para o entendimento e para a descrição de cada uma dessas unidades.

Para um melhor entendimento da organização dos verbetes, procedemos da seguinte forma: (i) os verbetes que possuem verbo como palavra-entrada se apresentam no modo infinitivo, acompanhados, entre parênteses, da forma como foram produzidos pelo informante; (ii) os que se apresentam como formas nominais permanecem em sua forma original; (iii) apresentamos a categoria gramatical à qual pertence o fraseologismo; (iv) colocamos um significado para a expressão, o mais próximo possível da situação abordada, ora por uma definição de um dos dicionários (quando havia), ora por inferência de determinada situação; (v) trazemos o contexto discursivo no qual tal fraseologismo foi produzido; e (vi) dispomos os dados relativos ao informante, a saber: as iniciais do nome completo, sexo, faixa etária, escolaridade e o item dos TDS (Temas para Discursos Semidirigidos) no qual o fraseologismo foi produzido.

GLOSSÁRIO

1. Bancar o sacana

- Sintagma verbal (verbo + artigo + adjetivo)

- Definição: fazer as vezes ou papel de; fingir; fazer algo inapropriado.

- Contexto: INF.– [...] Ela pressionou, pressionou até que eu cedi. Aí, eu fiquei com ela. Só que eu fiquei com ela e depois de umas duas semanas ela voltou com ele. Só que ele não... não. Minto, minto, minto, minto, minto. Esqueci de falá uma história, uma coisa muito importante. Eu fi... na hora que ela começou a pressioná muito, eu falei assim: tá bom, eu vô ficá contigo mas, eu só vô ficá com uma condição , eu vô ligá pra ele pra dizê. Porque eu não, eu não me imaginava ele ligando pra mim no outro dia pra falá comigo, normal e eu... com aquela coisa de *bancá o sacana*. Não, vô falá logo, ele faz o que ele quisé fazê.

(N.C.N., homem, faixa etária I, superior, item 4)

2. Bater peso (*Batia peso*)

- Sintagma verbal (verbo + substantivo)

- Definição: Fazer musculação, tornando-se muito forte, fisicamente; carregar peso.

- Contexto: INF. – [...] a gente fazendo uma prova na faculdade, parece que foi uma prova de história econômica, e era um professor, até conhecido de vocês, G.F.L., grande figura. E nós tínhamos um colega, que inclusive era assim mais fortão, muito forte, *batia peso* e usava o cabelo bem, bem grande, naquele tempo...

(A.O.P.F., homem, faixa etária II, superior, item 4)

3. Bocado de (*mucado de coisa*)

- Sintagma nominal (substantivo + preposição)

- Definição: Grande quantidade ou variedade de (algo).

- Contexto: INQ. – Eh... agora, conte pra nós alguma... algum acontecimento que foi, assim, importante na sua vida, alguma coisa que o senhor acha que foi importante, que marcou sua vida. INF. – Acontecimentos? INQ. – É, alguma coisa que aconteceu com o senhor que o senhor considera que é... que foi marcante na sua vida. INF. – (Risos) Dixa eu lembrá, aqui, já aconteceu *um mucado de coisa* na minha vida. INQ. – Uma assim que ficou, que o senhor nunca esqueceu, que marcou mesmo. INF. – Foi quand'eu viajei, passei uns tempos fora daqui, eu gostei e marcô. Nunca esqueci isso.

(J.O.B., homem, faixa etária II, fundamental, item 1)

4. Botar fé (*Boto fé em vocês*)

- Sintagma verbal (verbo + substantivo)

- Definição: acreditar em, ter confiança em; fazer/levar fé em

- Contexto: INF. – Ele ficou calado. Aí, ele... pô, vai lá, bicho, vai lá. Ela é uma ótima pessoa e tal. *Boto fé* em vocês. Não... não... ele não queria isso, né, mais ele não tinha outra coisa pra falá.

(N.C.N., homem, faixa etária I, superior, item 4)

5. Dar um branco (*dá um branco*)

- Sintagma verbal (verbo + artigo + adjetivo)

- Definição: Ficar momentaneamente com lapso de memória, ou sem orientação, ou sem clareza de raciocínio.

- Contexto: INF. – Sim... vou contá uma, mas que eu não tenha sido o protagonista. Lógico, né? Algo assim que... /INQ. – É./ INF. – Dixa eu vê aqui... Dixa eu tentá me lembrá.../ INQ. – Mais antiga, mais recente.../ INF. – Isso! Às vezes *dá... um branco*, assim .../ AUX. – Uma história curiosa, que você acha engraçada.../ INF. – Pois é. Tô tentando me lembrá [...]

(A.O.P.F., homem, faixa etária II, superior, item 4)

6. Em cima da hora (*de cima da hora*)

- Sintagma preposicional (preposição + advérbio + preposição + substantivo)

- Definição: No momento exato, preciso, em que o prazo ou tempo para se fazer algo está acabando de se esgotar.

- Contexto: INF.– Uma coisa importante, acho que o aniversário da minha irmã, de quinze anos. INQ.– Certo, uhn rum. Conte para nós. INF.– É porque foi uma coisa, a gente ma... fez tudo *de cima da hora*, ela não tava sabendo, a gente mandô ela viajá um final de semana pra Barreirinhas aí, pra ela voltá num dia, a gente fez uma festa mesmo... pra amanhecê mesmo, com um tudo, eh... boluh de quinze ano, aqueles balãozinhos, tudo que um... uma festa de quinze ano tem de tê.
(G.A.A.R., homem, faixa etária I, fundamental, item 4)

7. Entrar pela janela (*passagem pela janela*)

- Sintagma verbal (verbo + preposição + substantivo)
- Definição: Ser admitido em uma instituição pública sem passar pelo processo usual de admissão, prestação de concurso etc., graças à influência de autoridade ou por algum meio irregular.
- Contexto: INF. – [...] eu fui considerado o melhó estagiário desse grupo, nós éramos oito; oito ou nove, não lembro bem. Isso me gratificou muito, é uma coisa que eu, que... tenho hoje trinta e um anos de empresa, e era uma empresa estatal, onde tinha muita *passagem pela janela*, aquele negócio todo, as promoções indevidas, e eu sempre me orgulhei de dizer: “Olha, eu entrei dessa forma assim, como estagiário e tal” (inint). Isso me marcou muito, essa questão... foi muito gratificante.
(A.O.P.F., homem, faixa etária II, superior, item 1)

8. Estourar a bomba (*A bomba estourou*)

- Sintagma verbal (verbo + artigo + substantivo)
- Definição: Disseminar uma notícia ou acontecimento que causa sensação de espanto e/ou perturba a ordem estabelecida.
- Contexto: INF. – [...] Então, eu cheguei, fiquei com ela, liguei pra ele, falei e uma semana depois ela voltou com ele. Eu digo: filho da puta. Aí, tudo bem. Aí, eu sei é que *a bomba estorô* lá. Todo mundo soube que eu tinha ficado com a ex–namorada de... todo mundo lá ficô meio assim... menos... assim, quem era... que nessa hora todo mundo qué se metê, né?
(N.C.N., homem, faixa etária I, superior, item 4)

9. Fazer na doida (*fiz na doida*)

- Sintagma ((verbo+)⁴ preposição + adjetivo)
- Definição: sem reflexão, critério ou regra (diz-se de ação, atitude, etc.); impulsivamente.
- Contexto: INQ.– Agora, N., nós queríamos que você relatasse assim, um acontecimento marcante na sua vida. Por exemplo, um namoro, um vestibular... um fato, assim, que foi marcante na sua vida, que cê falasse um pouco sobre isso. INF. – Só que eu fiz pra Contábeis sem nem saber o que era o curso. *Fiz na doida*. Eu queria fazer, na verdade, na época, eu queria fazer Ciências Sociais porque eu queria ser

⁴ Existe a possibilidade de ocorrência de outros verbos na composição desse fraseologismo, com sentido semelhante. Ex.: Correr na doida; partir na doida; etc.

sociólogo, porque Fernando Henrique era sociólogo, e eu ia ser presidente da república [...]
(N.C.N., homem, faixa etária I, superior, item 1)

10. Ficar com alguém (*fiquei com ela*) (*ficou comigo*)

- Sintagma verbal (verbo + preposição + substantivo)
- Definição: Namorar sem compromisso.
- Contexto: INF.: [...] na hora que ela começou a pressioná muito, eu falei assim: tá bom, eu vô *ficá contigo*, mas eu só vô ficá com uma condição: eu vô ligá pra ele pra dizê. Porque eu não, eu não me imaginava ele ligando pra mim no outro dia pra falá comigo, normal e eu... com aquela coisa de bancá o sacana.
(N.C.N., homem, faixa etária I, superior, item 4)

11. Ficar com paciente (*um paciente que ficou comigo durante três anos*)

- Sintagma verbal (verbo + preposição + artigo + substantivo)
- Definição: subsistir, perdurar; permanecer em determinada situação.
- Contexto: NF.– É, tô montando o consultório, aí no início vai sê só particulá que, pra tê convênio aqui demora um pouco. Tem que sê particulá, mas eu pretendo, assim, junto com a minha amiga que a gente é sóci... tá montando sociedade... continuá assim... fazendo trabalho, assim, comunitário, ajudando os outros que pre... Por exemplo, eu tive paciente que *ficou comigo* durante três anos.
(R.M.J., mulher, FI, ensino superior, item 3)

12. Ficar meio assim (*ficou meio assim*)

- Sintagma verbal (verbo + advérbio + advérbio)
- Definição: Ficar desconfiado.
- Contexto: INF.: [...] eu sei é que a bomba estorô lá. Todo mundo soube que eu tinha ficado com a ex–namorada de... todo mundo lá *ficô meio assim...*
(N.C.N., homem, faixa etária I, superior, item 4)

13. Longe pra caramba

- Sintagma adverbial (advérbio + preposição + interjeição)
- Definição: lugar muito longe.
- Contexto: INF. – [...] meu trabalho é nessa área de, de organização e métodos e vou entrar agora. Não! Reentrar, porque eu já fui gerente de um centro de documentação, que é outra que eu me orgulho muito é que eu fiz parte do primeiro grupo que... Eh... deu tratamento técnico-científico à documentação da CEMAR, que foi quando nós começamos a microfilmá tudo. Tentei até fazê um curso de mestrado na área de documentação, mas aí o inglês me dexô de fora (risos). Fui pra fazê a tradução, não consegui traduzi nada! Eu sei inglês, mais um problema de audição... um cara ficou ditando ditando lá num palco, *longe pra caramba...* Aí não saiu nada, ou quase nada!
(rindo)
(A.O.P.F., homem, faixa etária II, superior, item 3)

14. Nada a ver

- Sintagma verbal (pronome + preposição + verbo)
- Definição: Expressão utilizada no sentido de “*não ter relação*”.
- Contexto: INF.: [...] Na boa, não tem *nada a ver* com vocês, é uma opção minha...”
Aí, fui. Fiz o concurso e não passei. Frustração enorme. Um baque. Mas, aí, eu tô há um ano, aí, esse ano todinho eu tô estudando pro... pra esse concurso e pra, pra os outros eh... matérias correlatas [...].
(N.C.N., homem, faixa etária I, superior, item 3)

15. Não sair nada (não saiu nada)

- Sintagma verbal (advérbio + verbo + pronome)
- Definição: Não conseguir realizar ou não lembrar de algo.
- Contexto: INF.: [...] Fui pra fazê a tradução, não consegui traduzir nada. Eu sei inglês, mas um problema de audição... um cara ficou ditando lá num palco, longe pra caramba... Aí *não saiu nada*, ou quase nada!
(A.O.P.F., homem, faixa etária II, superior, item 3)

16. Não sei o quê

- Sintagma adverbial (advérbio + verbo + artigo + substantivo)
- Definição: Algo vago, indefinido, incerto ou duvidoso.
- Contexto: INF.: [...] Não, vô falá logo, ele faz o que ele quisé fazê. Liguei. Oh, ele atendeu o telefone todo eufórico, fala N., *não sei o quê*. Eu, rapaz, eu quero conversá um negoço sério contigo.
(N.C.N., homem, faixa etária I, superior, item 4)

17. Não valer nada (não vale nada)

- Sintagma adverbial (advérbio + verbo + pronome)
- Definição: não ser digno de apreço, de valorização
- Contexto: INF. – [...] Todo mundo soube que eu tinha ficado com a ex–namorada de... todo mundo lá ficô meio assim... menos... assim, quem era... que nessa hora todo mundo qué se metê, né. N. é um sacana e tal, *não vale nada*.
(N.C.N., homem, faixa etária I, superior, item 4)

18. Nem pensar

- Sintagma verbal (conjunção + verbo)
- Definição: Expressão similar a “*de jeito nenhum*”.
- Contexto: INF.– [...]E a menina veio atrás de mim, ela veio atrás de mim. Aí eu disse: “*nem pensá, nem pensá*, ele é meu amigo e tal. Não, não, não”... Não por... não que eu não queira mas é porque... não, não e tal. Ela pressionou, pressionou até que eu cedi.
(N.C.N., homem, faixa etária I, superior, item 4)

19. **Por incrível que pareça**

- Sintagma adjetival (preposição + adjetivo + pronome + verbo)
- Definição: inacreditável.
- Contexto: INF.: [...] Agora, *por incrível que pareça*, a minha ex–namorada que... que é que eu pensei que fosse ficá contra, hoje, na época me deu o maió apoio.
(N.C.N., homem, faixa etária I, superior, item 4)

20. **Ser filho de (lugar) (é filho de lá)**

- Sintagma adjetival (verbo + substantivo + preposição)
- Definição: Ser o indivíduo oriundo de determinado lugar.
- Contexto: INF.: [...] Ele morava lá mehmo, ele *é filho de lá*.
(L.R.B.S., mulher, faixa etária 1, superior, item 1)

21. **Solto na vida**

- Sintagma adverbial (adjetivo + preposição + substantivo)
- Definição: Entregue à própria sorte, sem amparo.
- Contexto: INQ.– Eh... tu trabalhas? Não, né? Tu falaste, mas eh.. como tu acreditas que será o teu trabalho? Estás te preparando, né? Montando o teu consultório... INF.– É, tô montando o consultório, aí no início vai sê só particulá que, pra tê convênio aqui demora um pouco. Tem que sê particulá, mas eu pretendo, assim, junto com a minha amiga que a gente é sóci... tá montando sociedade... continuá assim... fazendo trabalho, assim, comunitário, ajudando os outros que pre... Por exemplo, eu tive paciente que ficou comigo durante três anos. Então esses aí eu quero come... continuá olhando pra vê como é que tá a evolução, quem tá pegando. Porque a gente utilizou, na época a gente precisava, né? Agora a gente vai deixá-los assim, *solto na vida*. Então é bom sempre saber... de vez em quando eu ligo pra mãe dos pacientes, pergunto como é que tá, aí. Eu pretendo continuar assim, visitando, vendo como é que tá a evolução deles.
(R.M.J., mulher, faixa etária I, superior, item 3)

A seguir, trazemos um quadro que mostra a relação dos fraseologismos por informante, com os respectivos dados sobre gênero, faixa etária e nível de escolaridade:

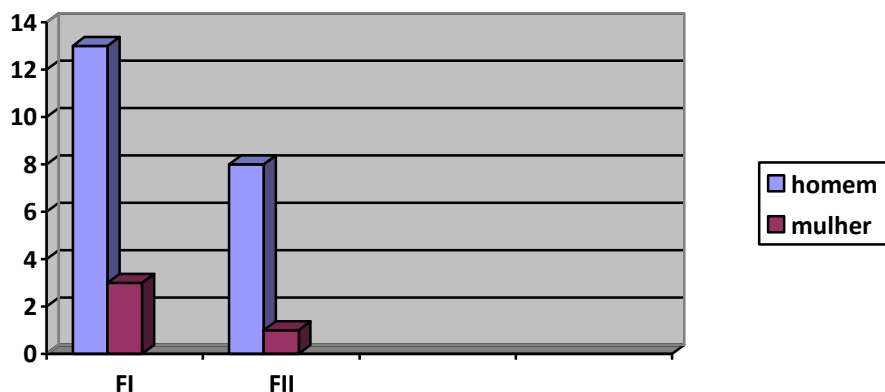
QUADRO 6 - Relação Dos Fraseologismos no *corpus* do Projeto ALiB

HOMEM	MULHER
<p>G.A.A.R. (homem, FI, fundamental)</p> <ul style="list-style-type: none"> - em cima da hora 	<p>R.A.X. (mulher, FI, fundamental)</p> <ul style="list-style-type: none"> - ø
<p>N.C.N. (homem, FI, superior)</p> <ul style="list-style-type: none"> - bancar o sacana - botar fé - estourar a bomba - ficar com alguém - ficar meio assim - na doida - nada a ver - não sei o quê - não valer nada - nem pensar - por incrível que pareça - pressão de (vestibular/da família) 	<p>R.M.J. (mulher, FI, superior)</p> <ul style="list-style-type: none"> - solto na vida - ficar com paciente
<p>J.O.B. (homem, FII, fundamental)</p> <ul style="list-style-type: none"> - bocado de coisa - porção de 	<p>L.R.B.S. (mulher, FII, fundamental)</p> <ul style="list-style-type: none"> - ser filho de
<p>A.O.P.F. (homem, FII, superior)</p> <ul style="list-style-type: none"> - batia peso - entrar pela janela - longe pra caramba - não sair nada 	<p>I.P.P.R. (mulher, FII, superior)</p> <ul style="list-style-type: none"> - ø

Fonte: Elaborado pela autora

Para que alguns pontos desta pesquisa fiquem mais evidentes, trazemos, de forma ilustrada, em gráficos, as variáveis utilizadas nesta pesquisa para que tenhamos uma melhor visualização das ocorrências dos fraseologismos em termos quantitativos.

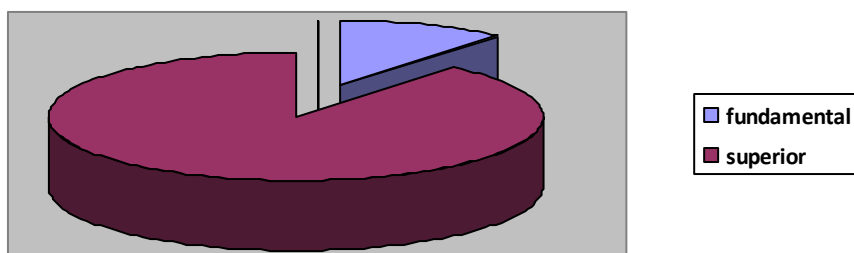
Gráfico 2 - Variação diageracional e diagenérica



Fonte: Elaborado pela autora

Cruzando os itens faixa etária e gênero, é possível perceber que os sujeitos da faixa etária I - os mais jovens - apresentaram um contingente mais expressivo na realização das UFs que os da faixa etária II. Sendo que os do sexo masculino, da primeira faixa etária, demonstraram uma frequência de uso dos fraseologismos bem maior do que as demais categorias.

Gráfico 3 - Variação diastrática



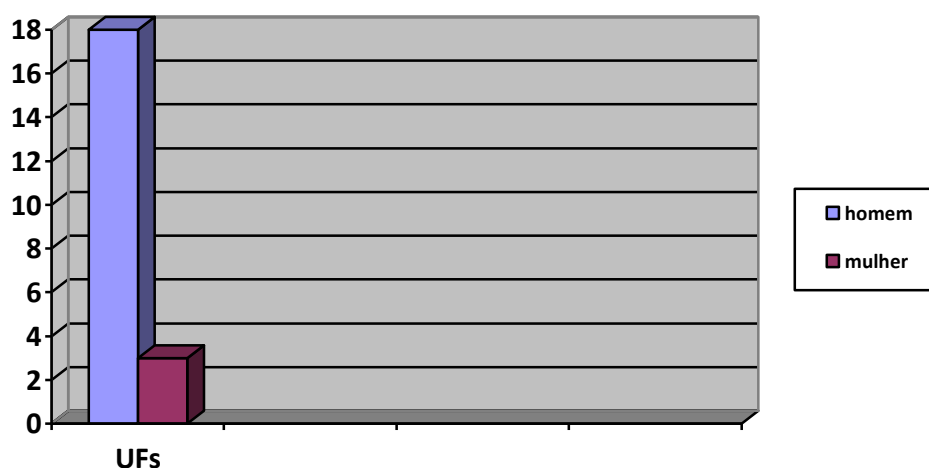
Fonte: Elaborado pela autora

Por meio do gráfico 3, podemos verificar a distribuição de frequência de uso das unidades fraseológicas sob a perspectiva diastrática, ou seja, segundo o nível de instrução dos informantes.

Nele, percebemos que os indivíduos que possuem nível superior estão mais inclinados a utilizar as unidades fraseológicas em situações de fala espontânea do que aqueles que possuem como escolaridade o nível fundamental. Curiosamente, duas mulheres, com diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade (R.A.X. - FI, fundamental e I.P.P.R. - FII, superior), não realizaram nenhum fraseologismo.

Gráfico 4 - Variação diagenérica

Neste tópico, verificamos a frequência de uso de fraseologismos produzidos por homens e mulheres, independente da faixa etária.



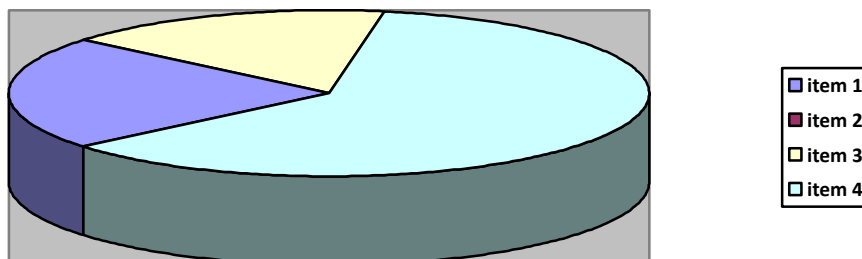
Fonte: Elaborado pela autora

Os dados apontam que os informantes do sexo masculino se revelaram consideravelmente mais tendenciosos a produzirem fraseologismos em seus discursos do que os do sexo feminino. Os homens totalizaram a quantidade de 18 (dezoito) unidades fraseológicas contra 3 (três) realizadas pelas mulheres.

Não se pode olvidar que, para que essas expressões fossem produzidas de forma mais espontânea, foram dados quatro temas aos informantes para que pudessem discorrer

livremente sobre fatos que marcaram suas vidas de alguma forma. Em seguida, visualizamos a produtividade dos fraseologismos segundo os temas que lhes foram dados.

Gráfico 5 - Produtividade de fraseologismos por item dos TDS

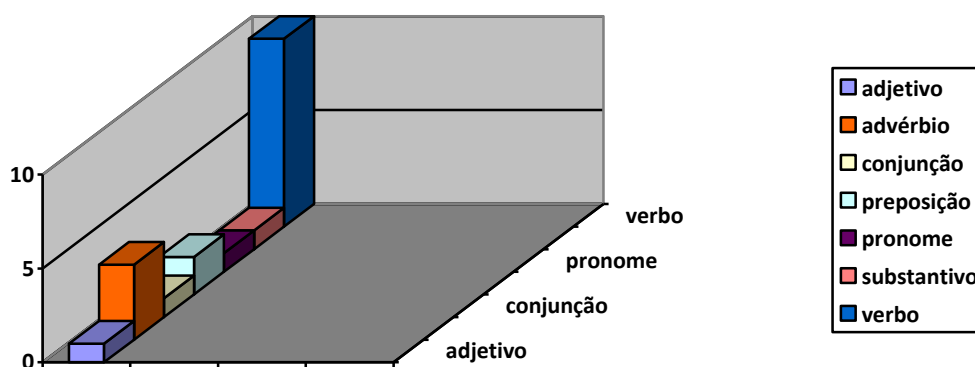


Fonte: Elaborado pela autora

Apreendemos, por meio do gráfico, que o item mais propício à realização dos fraseologismos foi item 4, que versa sobre um acontecimento que o informante venha a lembrar e discorrer a respeito de outrem. Em contrapartida, o item 2, em que se pede que o informante fale sobre um programa de televisão de que ele(a) goste, não houve nenhuma ocorrência de fraseologismo.

Podemos ponderar, ainda, a respeito das categorias gramaticais mais produtivas no que concerne à realização de fraseologismos.

Gráfico 6 – Das classes gramaticais mais produtivas



Fonte: Elaborado pela autora

Em consonância com o gráfico 6, afirmamos que a classe mais propícia para a realização de fraseologismos é a dos verbos, provavelmente porque ao utilizar uma sequência fraseológica, o falante necessita, na maioria das vezes, de um verbo suporte. Frisamos, ainda, que das 10 (dez) expressões que tinham verbos como início de verbete, 3(três) deles continham o verbo *ficar*. A segunda classe mais produtiva foi a dos advérbios. Das 4 (quatro) expressões que iniciavam por essa categoria, 3 (três) delas iniciavam coma palavra *não*.

POR INCRÍVEL QUE PAREÇA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho nos permitiu aprofundar ainda mais nosso conhecimento a respeito da fraseologia, especialmente a da linha francesa, que é mais recente, assim como sobre seu objeto de estudo, os fraseologismos.

A elaboração do glossário nos permitiu observar que: (i) há uma diversidade no que tange às tipologias dos fraseologismos selecionados, sendo cada uma bastante específica, com exceção de 4 (quatro) delas, as do tipo **D**, **K**, **O** e **P**, que se repetem poucas vezes; (ii) o tema mais propício à produção de fraseologismos foi o do item 4 dos discursos semidirigidos, que trata de um relato não pessoal, ou seja, um fato que tenha acontecido com outrem; (iii) os fraseologismos foram produzidos mormente entre os homens, da primeira faixa etária, com ensino superior; (iv) dentre todos os dicionários, o *Houaiss* (de língua geral) foi o que apresentou o maior número de ocorrências de fraseologismos (ora por um dos componentes da expressão, ora por uma variante do fraseologismo); (v) os dicionários especializados registraram a mesma quantidade de expressões, sendo que ambos continham menos da metade dos fraseologismos selecionados para esta pesquisa.

Dessa forma, asseveramos que, de fato, há uma quantidade considerável de fraseologismos presentes na fala dos ludovicenses, principalmente quando se encontram em uma situação de fala mais espontânea, como nas circunstâncias dadas nos temas para discursos semidirigidos do Projeto ALiB.

Entretanto, há que se ressaltar que ainda se faz necessário um estudo mais aprofundado desses elementos da língua, assim como a produção de obras lexicográficas que contemplem essas unidades, por vezes esquecidas nos trabalhos científicos. A esse respeito, ressaltamos que 5 (cinco) das expressões selecionadas não foram contempladas em nenhuma das obras lexicográficas e, das 21, apenas 6 (seis) foram encontradas nos dicionários especializados, os quais julgávamos que houvessem mais ocorrências.

Embora os dicionários, de modo geral, não contemplem significativamente os fraseologismos, afirmamos que essas unidades ainda se fazem muito presentes nos discursos cotidianos, afinal, como diz Mejri (2017), “pelo menos 50% de nosso discurso é fraseologia. Isso significa dizer que, quando falamos, falamos em bloco”. E, *por incrível que pareça*, a realização desses elementos da língua se fazem mais presentes nos discursos dos mais jovens, o que significa dizer que ainda veremos bastante essas expressões sendo disseminadas.

Destacamos que os dados geolinguísticos fornecidos pelo Projeto ALiB foram de grande valia para o estudo das UFs, uma vez que nos proporcionaram uma análise sob vários prismas dos discursos de seus informantes.

Acreditamos que o suporte teórico do qual nos apropriamos foi suficiente para dar conta dos objetivos traçados para esta pesquisa, considerando que, no início, dispúnhamos de poucos materiais para embasar-nos. Entretanto, ao decorrer dos trabalhos, das leituras e das análises feitas, apropriamo-nos ainda mais do teor do nosso objeto de estudo.

Consideramos, enfim, que as unidades fraseológicas ainda carecem de um aprofundamento teórico e de uma abordagem que lhes confira um enfoque maior. Apontamos para a necessidade de mais pesquisas nessa área, no intento de delimitar as fronteiras nas quais os conceitos se cruzam, enfatizando localidades e abordagens que ainda não foram exploradas, como a interseção feita entre a fraseologia e os atlas linguísticos, que, há pouco, tem sido objeto de investigação, por exemplo. Sem esquecer que os fraseologismos também são uma representação linguístico-cultural da comunidade na qual se está inserido, já que por eles perpassam nossas experiências, nosso conhecimento de mundo, de um modo criativo - por meio da língua.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. (org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes, 2012. (Anais, v.1)

_____. *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes, 2012. (Anais, v.2)

AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BALLY, Charles. *Traité de Stylistique Française*. 3. ed. Genève/Paris: Georg & Cie S.A./ C. Klincksieck, 1951 [1909].

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: *A Constituição da normalização terminológica no Brasil*. Ieda Maria Alves (org.). – 2. ed. – São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.

BELLI RODRIGUES, Rosa Evangelina de Santana. Metodologia Geolinguística: o Atlas Linguístico do Paraná. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 18/1, p. 37-69, jun. 2015.

BENKE, Vanessa Cristina Martins. *Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/benke_vanessa._tabus_linguisticos.pdf>. Acesso em: 23 de junho de 2018.

BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, G.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. (orgs.). *Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela*. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v.II, p. 747-757.

_____. *Teoria linguística (Teoria lexical e linguística computacional)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 98 – 155.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

CAMACHO, Beatriz Facincani. *Estudo comparativo de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá*. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brp/33004153069P5/2008/camacho_bf_me_sjrp.pdf>. Acesso em: 16 de outubro de 2016.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. A conferência de Indiana entre antropólogos e linguistas. *Revista Brasileira de Filologia*. Rio de Janeiro, n.2, v.1, p. 187-195, dez. 1955.

CHOMSKY, Noam. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 193-234.

COMITÊ NACIONAL. *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: Ed. da UEL, 2001.

COSERIU, Eugenio. *A geografia linguística*. In: COSERIU, E. *El hombre y su lenguaje*. Tradução de Carlos A. da Fonseca; Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

FIORIN, José Luís. *Novos caminhos da linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas da pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: maio de 2018.

GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio. (orgs.) *Ciências da linguagem: o fazer científico?*. v. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 163-175.

GROSS, Gaston. *Les expressions figées en français: noms composés et autres locutions*. Paris: Editions Ophrys, 1996.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEGROSKI, Marina. *Reflexões acerca de expressões idiomáticas*. Disponível em: <<http://www.revlet.com.br/artigos/134.pdf>>. Acesso em 03 de novembro de 2016.

LENHARO, Aline Camila. Palavra, vocábulo, item lexical, listema ou nenhuma das opções?. *Revista de Letras e Linguagens Midiáticas*. Disponível em: <https://www.baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/vocabulo/pdf/10/11_palavra_ou_lexema_10.pdf>. Acesso em: 02 de novembro de 2016.

LIMA, Alcides Fernandes de; MARTINS, Arlon F. Carvalho. Utilização do programa Lexique Pro na elaboração de glossários e dicionários terminológicos. In: RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides Fernandes de; OLIVEIRA, Marilucia Barros de; COSTA, Eliane Oliveira da. *Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 257-277.

MARQUES, Elizabete Aparecida. Expressões idiomáticas do espanhol e do português formadas por lexias que designam partes do corpo humano: um estudo cognitivo a partir de dados lexicográficos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Orgs.). *As ciências do léxico – lexicologia/lexicografia/terminologia*. v.VI. Mato Grosso do Sul: Campo Grande, 2012.

_____; MIRANDA, Ana Karla Pereira de. *Isso vai dar merda: implicações do conhecimento do significado de expressões idiomáticas na tradução de uma entrevista ao ex-presidente Lula*. Translation journal. V. 15. nº4. Outubro, 2011. Disponível em: <http://www.translationjournal.net/journal/58lula.htm>>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

_____; VALEXTRA (*Variação lexical: teorias, recursos e aplicações*): do condicionamento lexical às construições pragmáticas. 2015-2020. Disponível em: http://sigproj1.mec.gov.br/apoiados.php?projeto_id=25587. Acesso em: novembro de 2019.

MARTINS, Vicente. *A presença de unidades fraseológicas no Atlas Linguístico do Ceará* (ALECE, 2010). Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tex_completos/a_presenca_de_unidades_fraseologias_VICENTE.pdf. Acesso em: 16 de agosto de 2017.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MATTOS, Monissa. *Fraseologia: conceitos e características para a identificação das locuções verbais*. Língua e Literatura, n. 27, p. 271-300, 2001-03. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/viewFile/105469/104135> Acesso em: 28 de junho de 2018.

MEJRI, Salah. La phraséologie française: synthèse, acquis théoriques et descriptifs. *Le Français Moderne*. Paris, n. 1, p. 5-32, 2018.

_____. *Phraséologie et atlas linguistique*. Conferência proferida durante o VII Seminário Regional de Geossociolinguística – SERGEL. Universidade Federal do Pará, Belém, 23 nov. 2017.

_____. Delimitation des unités phraséologiques. In: *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Anais. v.1. Campinas: Pontes, 2012. p. 139-155.

_____. *Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique*. Tunis: Publications de la Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.

MICHAELIS. *Moderno dicionário de língua portuguesa*. São Paulo: Companhia melhoramentos, 1998.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. *Fraseologia* (Vol. 1)/ Era uma vez um Patinho Feio no Ensino de Língua Materna. Fraseologia. V.1. Fortaleza, 2014. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10310/1/2014_liv_rsmplantin.pdf. Acesso em: 16 de outubro de 2016.

MUNIZ, C. A. G.; MARQUES, E. A. Culturemas na tradução de provérbios: algumas considerações teóricas. *ReVEL*, vol. 15, n. 29, 2017.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (orgs.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. 3v. 5ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da Fraseologia Brasileira*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1966.

NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do. Processos de lexicalização. In: RAPOSO, Eduardo Buzaglio Paiva. *et al. Gramática do Português*. v. I. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 215-293.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa; UNTERNBAUMEN, Enrique Huelva (orgs.). *Uma (Re)Visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2011.

_____. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino do português como língua estrangeira*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

PAIM, Marcela Moura Torres. *Tudo é diverso no universo*. Salvador: Quarteto, 2019.

_____. *Projeto VALEXTRA: os passos para produção do dicionário eletrônico de fraseologismos*. In: Simpósio - O papel das ciências do léxico na contemporaneidade: desafios e perspectivas. Disponível em: <http://www.abralin.org/congresso2017/arquivos/simposios-tematicos-resumo/ST%2030.pdf?v5>. Acesso em 11 de outubro de 2019.

_____; SFAR, Inês; MEJRI, Salah (Orgs.). *Nas trilhas da Fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística*. Salvador: Quarteto, 2018.

_____; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *Os fraseologismos no português falado no Nordeste brasileiro: unidades fraseológicas para designar a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro*. Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana, v. 19, n. Especial, p. 79-90, março de 2018.

_____. A variação diageracional nas capitais do projeto ALiB. *Web-Revista Sociodialeto*. V.3. n.9. Campo Grande, março, 2013. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/14/01042013125821>>.pdf>. Acesso em: 16 de outubro de 2016.

PASTORE, Paula Christina Falcão. *A simbologia dos Animais em expressões idiomáticas Inglês-português: Uma Proposta Lexicográfica*. <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/100109/pastore_pcf_dr_sjrp.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 de outubro de 2016.

PERINI, Mário Alberto. *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; SILVA, Nádia Leticia Pereira. Fraseologismos no *continuum* rural-urbano: um estudo com dados geolinguísticos. (artigo aprovado para publicação na *Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, em setembro de 2018).

ROCHA, Camila Maria Corrêa. As expressões idiomáticas e a motivação metafórica que a elas subjaz. *Revista Entrelinhas*. v. 7, n. 2 (jul./dez. 2013). Disponível em:

<file:///C:/Users/FARIAS/Downloads/2960-21156-1-PB.pdf>. Acesso em: 02 de novembro de 2016.

RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (orgs.). *Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EdUFF, 2008. p. 301-310.

SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez (orgs.). *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. 6ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 60-82.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SERRA, Luís Henrique. Uma visita linguística à casa de farinha e ao engenho: A produção de verbetes socioterminográficos. *Revista Littera Online*, São Luís, n. 4. 2011. p. 156-173.

SFAR, Inês. *Cours de linguistique: La phraséologie*. Universidade Federal da Bahia: 2016. 29 slides.

SILVA, Moisés Batista da. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. *Revista de Letras*. n. 28. v. 1/2-jan/dez. 2006. Disponível em <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl28Art02.pdf>>. Acesso em: 26 de setembro de 2017.

SILVEIRA, João Gomes da. *Dicionário de expressões populares da língua portuguesa* São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SOLEDADE, Juliana. (org.). *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 477-490.

TAVARES, Helenita Bezerra de Carvalho. O léxico no conto de Luís jardim como marca da cultura regional. In: *Anais do II CONALI: Congresso Nacional de Literatura*. João Pessoa: Mídia, 2014. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=nvRZBwAAQBAJ&pg=PT795&lpg=PT795&dq=vil ela,+1994...+%C3%A9+a+parte+da+l%C3%ADngua+que+primeiramente+configura+a+realidade+extralinguística&source=bl&ots=EcemIvMXjg&sig=OMsmrQ_YfK1v7tDfw6Zyh5oluTE&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjvmP-P3aPdAhWEiJAKHUO3CCsQ6AEwAHoECAAQAQ#v=onepage&q=%C3%A9%20a%20parte%20da%20l%C3%ADngua%20que%20primeiramente%20configura%20a%20realidade%20extralinguística&f=false](https://books.google.com.br/books?id=nvRZBwAAQBAJ&pg=PT795&lpg=PT795&dq=vil%20ela,+1994...+%C3%A9+a+parte+da+l%C3%ADngua+que+primeiramente+configura+a+realidade+extralinguística&source=bl&ots=EcemIvMXjg&sig=OMsmrQ_YfK1v7tDfw6Zyh5oluTE&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjvmP-P3aPdAhWEiJAKHUO3CCsQ6AEwAHoECAAQAQ#v=onepage&q=%C3%A9%20a%20parte%20da%20l%C3%ADngua%20que%20primeiramente%20configura%20a%20realidade%20extralinguística&f=false)>. Acesso em: 31 de agosto de 2018.

URBANO, Hudinilson. *Um aspecto do português popular do Brasil: sua fraseologia*. Editora: FFLCH/USP. São Paulo, 2018. Disponível em: <http://dlev.fflch.usp.br/sites/dlev.fflch.usp.br/files/04_9.pdf>. Acesso em: 2 de novembro de 2016.

VILELA, Mário. *Metáforas do nosso tempo*. Coimbra: Livraria Almedina, 2002. p. 169-219.

_____. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

XATARA, Maria Cláudia. *O campo minado das expressões idiomáticas*. São Paulo: Alfa, 1998.

XATARA, C. M. A produção fraseoparemiográfica. In: ALVAREZ, M. L. O. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. *Anais...* Campinas: Pontes Editores, 2012. v. 1. p. 205-212.

_____. *Tipologia das expressões idiomáticas*. Alfa, São Paulo, 42: 169 - 176, 1998. Disponível em: <file:///C:/Users/FARIAS/Downloads/4274-10338-1-SM.pdf.> Acesso em: 16 de outubro de 2016.

_____. *O resgate das expressões idiomáticas*. ALFA: Revista de Linguística, v. 39, 1995 - A análise do discurso. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107728>>. Acesso em: 3 de novembro de 2016.

ANEXOS

ANEXO 1 – Transcrição - Item 1 (TDS). Informante: N.C.N., homem, FI, ensino superior

INQ.– Agora, N., nós queríamos que você relatasse assim, um acontecimento marcante na sua vida. Por exemplo, um namoro, um vestibular... um fato, assim, que foi marcante na sua vida, que você falasse um pouco sobre isso.

INF.– Quando eu passei pra Contábeis... foi, quando eu passei pra Contábeis porque eu tava na metade do terceiro ano e tem aquela pressão e tal de... de... vestibular e tal. Só que eu fiz pra Contábeis sem nem saber o que era o curso. *Fiz na doida*. Eu queria fazer, na verdade, na época, eu queria fazer Ciências Sociais porque eu queria ser sociólogo, porque Fernando Henrique era sociólogo, e eu ia ser presidente da república... assim, aquela idéia de terceiro ano, alienado. Aí, eu fiz Contábeis, só que eu só fui me interessar pelo curso lá pelo terceiro período e hoje, graças a Deus, eu não me arrependo. Era a coisa que eu queria mesmo pra mim. Administração, eu fiz depois e é um curso que eu gosto... eu gosto muito assim, mas, não é que nem Contábeis, né? Não é que nem Contábeis. É um... é um curso bom, interessante, legal, mas... eu vou terminar, também, porque só faltam três cadeiras pr'eu terminar o curso. E eu gosto. Então, eu não vou desperdiçar esse tempo todinho que eu passei indo pra faculdade, estudando, pra largar o curso uma hora dessa, vou terminar. Foi bom.

INQ.– Oh...

INF.– Apesar das pressões da família que todo mundo queria que eu fizesse direito e tal. Foi bom. Na metade do terceiro ano, quando eu passei pra Contábeis.

ANEXO 2 – Transcrição - Item 1 (TDS). Informante: J.O.B., homem, FII, ensino superior

INQ. – Eh... agora, conte pra nós alguma... algum acontecimento que foi, assim, importante na sua vida, alguma coisa que o senhor acha que foi importante, que marcou sua vida.

INF. – Acontecimentos?

INQ. – É, alguma coisa que aconteceu com o senhor que o senhor considera que é... que foi marcante na sua vida.

INF. – (Risos) Dexa eu lembrá, aqui, já aconteceu um *mucado de coisa* na minha vida.

INQ. – Uma assim que ficou, que o senhor nunca esqueceu, que marcou mesmo.

INF. – Foi quand’eu viajei, passei uns tempos fora daqui, eu gostei e marcô. Nunca esqueci isso.

INQ. – E como é que foi, conte pra gente um pouco dessa viagem.

INF. – Ah, foi bom. Eu saí daqui um dia de sábado, não, foi um dia de sábado, eu cheguei um dia de terça-feira lá em São Paulo, eu cheguei de manhã, cheguei nove hora da manhã, uma hora eu comecei a trabalhá. Aí, eu passei um tempo lá, depois mandei buscá a mulhé com o menino, aí a gente passo lá uns... um bom tempo, depois a gente veio embora. Aí, depois eu cheguei aqui, deixei eles aqui e fui pra Brasília. Passei otro bom tempo em Brasília e gostei muito.

INQ. – E por que o senhor voltou de São Paulo?

INF. – Porque eles... ela não se deu no clima, ela ficaha sufocada, passaha um mês em casa e passaha três no hospital internada. Aí, o médico achô por bem... se não ela acaba morrendo aqui, né, cada crise que ela tem, aí.

INQ. – Aí o senhor voltou pra São Luís.

INF. – É pa São Luís. Aí, eu deixei eles aqui, um mês qu’eu taha aqui, eu fui pra São... pra Brasília, aí eles não quisero i, ela: “não, não, eu não vô mais.” Aí ficô.

INQ. – Aí o senhor ficou sozinho lá em Brasília?

INF. – Foi, eu fui daqui maih um colega meu pra trabalhá numa gráfica. Aí, e dormia, moraha mehmo na mesma gráfica lá, né? Mah não demorei muito não, passei um ano, e vim embora.

ANEXO 3 – Transcrição - Item 1 (TDS). Informante: L.R.B.S., mulher, FII, ensino superior

INQ.– Agora, e... eh.... eh..., dona L., a gente queria que a senhora falasse um pouquinho, por exemplo, de alguma coisa importante, marcante que aconteceu na sua vida, por exemplo? Ou um... uma... uma... um casamento, né, namoro... alguma coisa, assim, importante, né, que a gente queria que a senhora falasse um pouquinho. Como é que foi o seu namoro com... com o seu marido? O que que aconteceu? Conte pra nós, aí.

INF.– Ah, meu namoro aconteceu, assim... eu tô casada com ele, quarenta e três ano. É muito tempo, eihn? Nem me lembro mais.

INQ.– (inint) como é que a senhora conheceu seu marido? Como é que vocês namoraram? Casaram? Conte, aí, vamos.

INF.– Lá, foi lá mehmo... ele é filho de lá mehmo.

INQ.– Sim.

INF.– De lá. (inint)

INQ.– Aí, a sua família... a sua família eh.... gostou do namoro, logo?

INF.– É.

INQ.– Conte um pouquinho pra nós como foram as fofocas de lá. Do casam... do seu namoro?

INF.– (inint) fio de lá mehmo. Aí, a gente namorô e casô.

INQ.– Quanto tempo namorou? (inint) Conte um pouquinho. (inint)

INF.– Eh.... maihomeno um ano e pôco.

INQ.– Certo.

AUX. – E como foi que vocês se conheceram?

INF.– Ele morava lá mehmo, *ele é filho de lá.*

AUX. – Sim. Mas vocês se encontraram como? Como foi a primeira vez que vocês se encontraram?

INF.– Lá mehmo, ni festa, por lá, assim, folia, né? A gente se olhava por lá. (risos)

INQ.– E, aí, depois de quanto tempo, assim, vocês casaram?

INF.– Tava com um ano e pôco. Nós casamo.

INQ.– Teve muita festa de casamento? Fala um pouquinho sobre a festa de casamento.

INF.– Teve não. Foi muita festa... não foi, assim. Casamo até dia de Santana.

INQ.– Certo.

INF.– Não foi muita.... muita coisa, não

INQ.– Certo. Ahn.

INF.– Casamento simples mehmo.

AUX. – E seu primeiro dia no trabalho? Como é que foi? Quando a senhora foi trabalhar naquela escola?

INQ.– Ah, foi bem.

AUX. – Então, conte, aí, como é que foi sua experiência? Como é que a senhora conseguiu aquele trabalho? Como foi a primeira vez pra escola? Como é que foi o seu primeiro...

INF.– Foi bom. Chegamo lá, fumo bem recebido. Todo mundo. Foi legal.

INQ.– Uhn. Isso.

ANEXO 4 – Transcrição - Item 3 (TDS). Informante: N.C.N., homem, FI, ensino superior

INQ.– Oh, N., você trabalha em quê? Fala um pouco do seu trabalho.

INF.– Eu sou contadô.

INQ.– Fala um pouco sobre seu trabalho.

INF.– Eu me formei em Ciências Contábeis em novembro do ano passado. E... quando eu tava me formando, eu tava estagiando na ALUMAR, e lá onde eu tava estagiando que era na Controladoria, lá da ALUMAR, surgiram duas vagas de trabalho. Eu vô resumí: surgiram duas vagas de trabalho e... me convidaram pra ficá lá, quando eu tava me formando. Eu tinha aceitado. A princípio, me chamaram pra conversar e tal, vai ficá aqui e tal, tudo bem. Fiquei feliz na hora e tal. Mas, aí teve... surgiu um concurso na época que eu comecei a estudá pra esse concurso e comecei a me empolgá com essa matéria desse concurso, auditô do INSS, com a função social e, na hora, assim, depois que eu já tinha aceito ficá lá na ALUMAR, eu pensei: eu não vô ficá aqui na ALUMAR. Porquê eu vô ficá aqui? E lá tinha um monte de gente que eu já conhecia, que já tava lá há mais de dez anos e não tava muito satisfeito... e já tinha passado tempo, já tava velho com família, e também, tinha muito medo de lar (?=largar) de sair daquilo. Aí, eu pensei: não vô ficá aqui não. Vô estudá pra esse concurso e vô passá nesse concurso. Aí, cheguei aqui em casa, fui falá com mamãe, na época foi a maió pressão: não, fica lá que já é certeza e tal. Eu digo não, não vô ficá aqui não. Não vô ficá lá não. Cheguei lá na ALUMAR, ó, tô saindo. Quero almoçá em casa, hoje (inint). Me dava muito bem com todo mundo lá, até hoje, mais não quero ficá aqui. Todo mundo levô um susto. Rapaz, N... que todo estagiário que chega lá, qué ficá. Eu queria, também, mas depois... “Rapaz, N., que que tu tá fazendo?”. Eu digo “não, eu num vô ficá, num quero ficá aqui e tal. Na boa, não tem *nada a ver* com vocês, é uma opção minha...” Aí, fui. Fiz o concurso e não passei. Frustração enorme. Um baque. Mas, aí, eu tô há um ano, aí, esse ano todinho eu tô estudando pro... pra esse concurso e pra, pra os outros eh... matérias correlatas, parecidas, que tão tendo agora, essas três semanas, agora. Eu já fiz dois e vô fazê mais dois. Mas não me arrependo. E, aí, o quê que tá acontecendo, o que que aconteceu: eu me formei, tô a esse um ano estudando, só que eu já estô... tô com minha carteira do conselho do contadô e, de vez em quando, eu faço uma perícia contábil, judicial ou extra-judicial. O juiz me nomeia perito... por exemplo, tu entras com uma ação contra ela e, aí, tu alegas um valô e ela... ela alega que vai recebê um valô e ela alega que... que ela tem que te pagá outro menó. Então, o juiz nomeia o perito pra calculá, pra vê qual é o valô correto. Aí, eu calculo. Mas eu tô... minha prioridade eh... é o concurso, entendeu? Só de vez em quando é que eu faço essa... perícia.

ANEXO 5 – Transcrição - Item 3 (TDS). Informante: A.O.P.F., homem, FII, ensino superior

INQ. – E ainda agora você falou um pouco, disse algo sobre seu trabalho? Em que é mesmo que você trabalha?

INF. – Sim. Eu trabalho numa, numa assessoria, que tem essa parte de, de organização e métodos.

INQ. – Você trabalha na CEMAR?

INF. – Na CEMAR, na assessoria de gestão empresarial, uma assessoria que tem três segmentos, vamô dizê assim, três segmentos mais fortes: que é a área de organização e métodos, que é essa de melhorá processos de trabalhos, analisá e melhorá processos de trabalho, escrevê. Eh... instrumento, instrumento decisórios, as resoluções, as determinações, e os chamados normativos, são as normas. Eh... normas de procedimento, escrevê processo, no detalhe, depois fazê o fluxograma daquele processo, tal; a parte de documentação, toda a parte de arquivo, biblioteca, e micro filmagem; e a parte mais específica da, da, de gestão empresarial, que é a área que não, que não me... que é a parte dos indicadores da empresa, os números, né? Todos os indicadores... Indicadores operacionais, indicadores de pessoal, indicadores de atendimento, os números, as estatísticas... como a empresa está, fazendo comparativo com outras, essa parte né, dos indicadores... Mas só que eu me volto mais, tô voltado mais pra essa área, essa área de organização e métodos de está agora coordenando um projeto na área de documentação, que é revitalização da, da, da parte de documentação, recuperação de informações, microfilmagens, digitalizá... Inclusive a gente vai fazê como parceria com uma empresa, não é bem uma empresa, é uma instituição mantida pelos, pelas empresas do setor elétrico chamada Memória da Eletricidade, que fica no Rio de Janero, eles vão dá essa consultoria pra nós que o que é melhor, inclusive é gratuita. Nós pagamos, a empresa paga uma taxa anual pra, pra memória. Bem, então a consultora vem por conta da, da Memória da Eletricidade; passagem, hospedagem, tudo, não gasta nada, a não sê com contratação de estagiários, pra desenvolvê o trabalho. Em resumo, meu trabalho é nessa área de, de organização e métodos e vou entrar agora. Não! Reentrar, porque eu já fui gerente de um centro de documentação, que é outra que eu me orgulho muito é que eu fiz parte do primeiro grupo que... Eh... deu tratamento técnico-científico à documentação da CEMAR, que foi quando nós começamos a microfilmá tudo. Tentei até fazê um curso de mestrado na área de documentação, mas aí o inglês me dexô de fora (risos). Fui pra fazê a tradução, não consegui traduzi nada! Eu sei inglês, mais um problema de audição... um cara ficou ditando ditando lá num palco, longe pra caramba... Aí *não saiu nada*, ou quase nada! (rindo)

ANEXO 6 – Transcrição - Item 3 (TDS). Informante: R.M.J., mulher, FI, ensino superior

INQ.– Eh... tu trabalhas? Não, né? Tu falaste, mas eh.. como tu acreditas que será o teu trabalho? Estás te preparando, né? Montando o teu consultório...

INF.– É, tô montando o consultório, aí no início vai sê só particulá que, pra tê convênio aqui demora um pouco. Tem que sê particulá, mas eu pretendo, assim, junto com a minha amiga que a gente é sóci... tá montando sociedade... continuá assim... fazendo trabalho, assim, comunitário, ajudando os outros que pre... Por exemplo, eu tive paciente que *ficou comigo* durante três anos. Então esses aí eu quero come... continuá olhando pra vê como é que tá a evolução, quem tá pegando. Porque a gente utilizou, na época a gente precisava, né? Agora a gente vai deixá-los assim, *solto na vida*. Então é bom sempre saber... de vez em quando eu ligo pra mãe dos pacientes, pergunto como é que tá, aí. Eu pretendo continuar assim, visitando, vendo como é que tá a evolução deles.

ANEXO 7 – Transcrição - Item 4. Informante: G.A.A.R., homem, FI, ensino fundamental

INQ.– Agora, você poderia contar assim uma coisa, eh... interessante, importante que tenha acontecido assim, com um amigo seu, ou com um vizinho, ou um desastre, um acidente, ou alguma coisa assim importante que não seja assim desastre ou acidente com um vizinho ou com um amigo.

INF.– Uma coisa importante, acho que o aniversário da minha irmã, de quinze anos.

INQ.– Certo, uhn r♦↓. Conte para nós.

INF.– É porque foi uma coisa, a gente ma... fez tudo *de cima da hora*, ela não tava sabendo, a gente mandô ela viajá um final de semana pra Barreirinhas aí, pra ela voltá num dia, a gente fez uma festa mesmo... pra amanhecê mesmo, com um tudo, eh... boluh de quinze ano, aqueles balãozinhos, tudo que um... uma festa de quinze ano tem de tê.

INQ.– Certo. Então, isso aí também foi uma coisa interessante, assim!

INF.– Foi.

INQ.– Agora, com um amigo seu, teve alguma, algum... um problema que ele tenha tido com a namorada ou a um acidente? Algum problema assim com o vizinho, na rua, digamos que aconteceu, algum... alguma coisa assim diferente na sua rua que você lembre que você possa dizer pra nós?

INF.– Assim na rua, assim só mesmo o que tem diariamente eh... é brigas de vizinho, quase freqüentemente.

INQ.– E no NCL?

INF.– No NCL, não.

ANEXO 8 – Transcrição - Item 4 (TDS). Informante: N.C.N., homem, FI, ensino superior

INQ.– N., se der pra você contá um caso, por exemplo, de um fato que aconteceu com pessoas amigas suas, um conhecido, uma coisa assim que realmente chamou a atenção, né?

INF.– Ah, tem. Tem muita história.

INQ.– Então, conte uma pra nós.

INF.– Tem umas coincidências, por exemplo, eu... eu namorei uma menina há quatro anos que... a família dela todinha gostava muito de mim, assim, todo mundo gostava muito de mim. E ela tinha um...um... um irmão, ela... ela tem um irmão de sangue e um primo que é criado como se fosse irmão que sempre morô lá. Esse primo-irmão tinha uma namorada, na época que a gente namorava, ele tinha uma namorada. E... a hente sempre saía junto, ele gostava muito de mim e tal, a gente sempre saía junto. Só que ele bagunçava muito com a menina. E sempre dizia que eu era o namorado perfeito. Depois que... que meu namoro acabou com essa menina eh... ele brigou com a namorada dele, e ela veio atrás de mim. Só que o rapaz, apesar de eu tê, da gente tê terminado, com a prima-irmã dele, ele sempre me chamava pra tomá uma cervejinha comigo, pelo menos uma vez por mês e era sagrado, ele me ligava, “vamo tomá uma cervejinha e tal”. E a menina veio atrás de mim, ela veio atrás de mim. Aí eu disse: “nem pensá, nem pensá, ele é meu amigo e tal. Não, não, não”... Não por... não que eu não queira mas é porque... não, não e tal. Ela pressionou, pressionou até que eu cedi. Aí, eu *fiquei com ela*. Só que eu fiquei com ela e depois de umas duas semanas ela voltou com ele. Só que ele não... não. Minto, minto, minto, minto, minto. Esqueci de falá uma história, uma coisa muito importante. Eu fi... na hora que ela começou a pressioná muito, eu falei assim: tá bom, eu vô ficá contigo mas, eu só vô ficá com uma condição, eu vô ligá pra ele pra dizê. Porque eu não, eu não me imaginava ele ligando pra mim no outro dia pra falá comigo, normal e eu... com aquela coisa de *bancá o sacana*. Não, vô falá logo, ele faz o que ele quisé fazê. Liguei. Oh, ele atendeu o telefone todo eufórico, fala N., *não sei o quê*. Eu, rapaz, eu quero conversá um negócio sério contigo. Pode falá meu preto, você é que manda.(risos) Aí, eu... fiquei com... ela. Ele ficou calado. Aí, ele... pô, vai lá, bicho, vai lá. Ela é uma ótima pessoa e tal. *Boto fé* em vocês. Não... não... ele não queria isso, né, mais ele não tinha outra coisa pra falá. Certo. Depois que ele soube... detalhe, quando ela *ficou comigo*, quando ela pressionou, ela falou assim, uma das coisas que me fez eu ficá convencido foi que ela falou assim: N., eu nunca... ia querê ficá contigo se eu ainda quisesse alguma coisa com ele. Então, eu cheguei, *fiquei com ela*, liguei pra ele, falei e uma semana depois ela voltou com ele. Eu digo: filho da puta. Aí, tudo bem. Aí, eu sei é que *a bomba estorô* lá. Todo mundo soube que eu tinha ficado com a ex-namorada de... todo mundo lá *ficô meio assim*... menos... assim, quem era... que nessa hora todo mundo qué se metê, né. N. é um sacana e tal, *não vale nada*. Quem ficou... continuou, continuou por exemplo, o pai dele que me adorava, também, mau fala comigo. Me encontra na rua, finge que não me olhou. Ele, *nem pensá*. Agora, *por incrível que pareça* a minha ex-namorada que... que é que eu pensei que fosse ficá contra, hoje, na época me deu o maió apoio. Vai lá e tal, é isso mehmo. É uma história, assim, uma coincidência que aconteceu e, também, tem várias coincidências aí no meio, também. Mais, a história é longa. Eu não sei se vocês querem escutá tanto.

ANEXO 9 – Transcrição - Item 4 (TDS). Informante: A.O.P.F., homem, FII, ensino superior

INQ. – Agora veja, eh... eu gostaria que você contasse um fato, que seja de seu conhecimento, mas que tenha acontecido com algum amigo seu ou alguém que você conheça. Algo que tenha lhe chamado atenção, mas que não tenha acontecido com você, mas com outra pessoa que você conheça, com algum amigo...

INF. – Sim, sim, sim...

INQ. – Alguma coisa que você ouviu falar...

INF. – É, uma história qualquer, que tenha acontecido

INQ. – Que você tenha tomado conhecimento, mas que não tenha sido com você, com outra pessoa.

INF. – Sim, sim. É difícil... A gente

INQ. – Com Júnior, marido de Fátima, lembra de alguma história que aconteceu com ele?

INF. – Sim... vou contá uma, mas que eu não tenha sido o protagonista, lógico, né? Algo assim que...

INQ. – É.

INF. – Dixa eu vê aqui... Dixa eu tentá me lembrá...

INQ. – Mais antiga, mais recente...

INF. – Isso! Às vezes **dá... um branco**, assim ...

AUX. – Uma história curiosa, que você acha engraçada...

INF. – Pois é. Tô tentando me lembrá de algo assim de interessante, que tenha... Bom, é engraçado, é, assim que nós começamos a trabalhá, o, o... dois colegas meus, eles foram ao Rio de Janeiro, primeira vez que eles foram, foram na Eletrobrás... Eh, inclusive Fátima conheceu todos dois. Infelizmente são falecidos, e eles ao chegarem na portaria da Eletrobrás, eles pediram a identidade, né? O número da identidade, aí disse o número tal, tal... Aí ele disse: A sua RG é Felix Pacheco. Ele disse: Não, é Aníbal dos Santos Faria. (risos). Uma coisa... o outro, o Carlos Augusto, voltou contando essa história, lógico, né? (risos) Fizeram do Instituto Felix Pacheco... não sabiam, na primeira vez que estavam indo ao Rio, não sabiam nem o que é que era Felix Pacheco; seu RG é Felix Pacheco, não é Aníbal dos Santos Faria que era o nome dele. Esse dado pitoresco que até ele riu de uma história dessa! (rindo)

INQ. – Você lembra de mais outra?

INF. – Lembrá, lembro, vô capturá assim... tentá recuperá essa informação. Eh...

INQ. – Com seus filhos, alguma coisa?

INF. – Sim. Eh... a gente fazendo uma prova na faculdade, parece que foi uma prova de história econômica, e era um professor, até conhecido de vocês, Guilherme Frederico Lago, grande figura. E nós tínhamos um colega, que inclusive era assim mais fortão. Muito forte, **batia peso** e usava o cabelo bem, bem grande, naquele tempo... setenta dois, setenta e um, setenta e dois. E Guilherme estava fazendo, aplicando a prova e tal, olhou esse colega nosso, Assis, o nome dele, Francisco de Assis. E ele disse: “Tu, Tigre Paraguaio, tu estás pescando, né?”. Ele disse: “Não.” “Está e acabou de engolir a pesca” (risos). Mas o fato interessante foi esse Tigre Paraguaio que... existia um programa de televisão na época de, de luta livre chamado Tele Queti Montilla... Não sei se é do tempo de vocês! E tinha um lutadô chamado Tigre Paraguaio, porque ele tinha o cabelão... Então Guilherme tirou aquilo na hora e ele por conta disso, ele ficou por Tigre, até hoje. É um fato pitoresco, coisa assim de, de faculdade, de trabalho, fora os que a gente foi protagonista também, né? (rindo).

Glossário gerado pelo programa Lexique Pro¹

B – b

Bancar o sacana

Morf. : **verbo + artigo + adjetivo.**

Ver entrada principal : (H)¹ bancar.

(H) infrm. > fazer-se de; fazer as vezes ou papel de; fingir.

Definição: (H) gosta de bancar o conquistador.

INF. - [...] na hora que ela começou a pressioná muito, eu falei assim: tá bom, eu vô ficá contigo mas, eu só vô ficá com uma condição , eu vô ligá pra ele pra dizê. Porque eu não, eu não me imaginava ele ligando pra mim no outro dia pra falá comigo, normal e eu... com aquela coisa de bancá o sacana.

Bater peso

Morf. : **verbo + substantivo.**

Ver entrada principal : **não há registros.**

Definição: Expressão usada para se referir a pessoa muito forte, musculosa.

INF. - [...]E nós tínhamos um colega, que inclusive era assim mais fortão. Muito forte, batia peso.

Bocado de

Morf. : **artigo + substantivo + preposição + substantivo.**

Ver entrada principal : (A) (H) bocado (=mucado).

Variante : J.O.B. (item 1) mucado de / J.O.B. (item 4) porção de.

Definição: (A) Porção considerável de alguma coisa. (H) Grande quantidade ou variedade de (algo).

Ex.: (H) Perderam um bocado de dinheiro com aquilo.

(item 1) - INF. – Dixa eu lembrá, aqui, já aconteceu um mucado de coisa na minha vida.

(item 4) - INF.: "Sei que levô uma porção de dia, eu cheguei no pronto-socorrão, no Socorrão, e nesse dia qu' eu fui com o dedo todo arrachado, botano sangue [...]".

Botar fé

Morf. : **verbo+ substantivo + preposição + pronome.**

Ver entrada principal : (A) (N) (H) – fé (S) botar (fé).

Definição: (A) acreditar em, ter confiança em; fazer/levar fé em (H) depositar confiança em (N) acreditar nela (S) acreditar, confiar.

Variante : (A) (H) – Ter fé em / (N) – Dar fé a uma coisa.

Ex.: (S) "– Não, não é duvidança. Boto fé no seu apetrechamento moral, sei que é um homem abastecido de caráter e outros opcionais."

INF. - "[...]pô, vai lá, bicho, vai lá. Ela é uma ótima pessoa e tal. Boto fé em vocês."

¹ As letras que aparecem entre parênteses indicam as iniciais dos autores dos dicionários selecionados para este estudo: (A) Aulete, (H) Houaiss, (M) Michaelis, (N) Nascentes e (S) Silveira.

D – d

Dar branco

Morf. : **verbo + substantivo**.

Ver entrada principal : **(A) branco**.

Definição: (A) Ficar momentaneamente com um lapso de memória, ou sem orientação, ou sem clareza de raciocínio.

INF. – Sim... vou contá uma, mas que eu não tenha sido o protagonista, lógico, né? Algo assim que... INQ. – É. INF. – Dexa eu vê aqui... Dexa eu tentá me lembrá... INQ. – Mais antiga, mais recente... INF. – Isso! Às vezes dá... um branco, assim ... AUX. – Uma história curiosa, que você acha engraçada... INF. – Pois é. Tô tentando me lembrá.

E – e

Em cima da hora

Morf. : **preposição + advérbio + preposição + substantivo**.

Ver entrada principal : **(A) cima (H) (N) hora (S) estar**.

Variante : **(A) (H) (N) em cima da hora (S) estar em cima da hora**.

Definição: (A) No momento exato, preciso, em que o prazo ou tempo para se fazer algo está acabando de se esgotar. (H) Nos últimos instantes. (N) No momento exato, nos últimos instantes. (S) Estar no minuto derradeiro, na hora exata.

INF. – Uma coisa importante, acho que o aniversário da minha irmã, de quinze anos. INQ. – Certo. Conte para nós. INF. – É porque foi uma coisa, a gente fez tudo de cima da hora, ela não tava sabendo [...].

Entrar pela janela

Morf. : **substantivo + preposição + substantivo**.

Ver entrada principal : **(A), (H), (N)– janela (S) entrar**.

Variante : **(A); (H); (N); (S) – Entrar pela janela**.

Definição: (A) <fig.> Ser admitido em uma instituição pública sem passar pelo processo usual de admissão, prestação de concurso etc., graças à influência de autoridade ou por algum meio irregular. (H) <fig.> furtar-se aos trâmites normais e obrigatórios (provas, concursos, apresentação de títulos) para ingressar em uma instituição, exercer um cargo, conseguir um benefício, etc. (N) entrar sem as formalidades legais, sem concurso (S) ingressar em escola, universidade, emprego público etc., sem a prestação de concurso normalmente obrigatório ou valendo-se de expedientes excusos.

INF. - [...] tenho hoje trinta e um anos de empresa, e era uma empresa estatal, onde tinha muita passagem pela janela, aquele negócio todo, as promoções indevidas, e eu sempre me orgulhei de dizer: “Olha, eu entrei dessa forma assim, como estagiário e tal”.

Estourar a bomba

Morf. : artigo + substantivo + verbo.

Ver entrada principal : (A) (H) e (S) – estourar (H) (N) – bomba.

Variante : (N)1. Cair como uma bomba; 2. Estourar a bomba nas mãos de alguém..

Definição: (A) Tornar-se conhecido súbita e surpreendentemente. (H) <fig.> repercutir (acontecimento, fato, etc.) estrondosamente, causar impacto. <fig.> notícia ou acontecimento imprevisto que causa sensação, espanto, e/ou perturba a ordem estabelecida. (N) Acontecer de surpresa, chegar de repente e inesperadamente./ Aturar as consequências de uma situação que já vem de outrem. (S) Haver repentina divulgação de um escândalo ou de uma notícia desagradável.

Ex.: (A) A notícia estourou como uma bomba. (H) Inevitavelmente, o escândalo estourou logo em seguida. A demissão do diretor foi uma bomba.

INF. - [...] Então, eu cheguei, fiquei com ela, liguei pra ele, falei e uma semana depois ela voltou com ele. Eu digo: filho da puta. Aí, tudo bem. Aí, eu sei é que a bomba estorô lá. Todo mundo soube que eu tinha ficado com a ex-namorada de... todo mundo lá ficô meio assim...

F – f**Ficar com alguém**

Morf. : verbo + preposição + substantivo.

Ver entrada principal : (A)(H) – ficar.

Definição: (A) Namorar sem compromisso (H) Manter com alguém convívio de algumas horas, sem compromisso de estabilidade ou fidelidade amorosa.

Ex.: (A) Nas festas, sempre ficava com alguém. (H) Encontrou-se com Paula na danceteria e ficou com ela.

INF.: [...] na hora que ela começou a pressioná muito, eu falei assim: tá bom, eu vô ficá contigo, mas eu só vô ficá com uma condição: eu vô ligá pra ele pra dizê.

Ficar com paciente

Morf. : verbo + preposição + substantivo.

Ver entrada principal : (A), (H), (M) – ficar.

Definição: (A) subsistir, perdurar ou restar (H) permanecer junto de (alguém) (M) permanecer em tal ou qual situação.

Ex.: (A) Ficou 15 dias no hospital. (H) Todos saíram, mas ela ficou comigo.

INF. - Por exemplo, eu tive paciente que ficou comigo durante três anos. Então esses aí eu quero come... continuá olhando pra vê como é que tá a evolução, quem tá pegando.

Ficar meio assim

Morf. : verbo + advérbio + advérbio. *Ver entrada principal* : não há registros.

Definição: ficar desconfiado.

INF.: [...] eu sei é que a bomba estorô lá. Todo mundo soube que eu tinha ficado com a ex-namorada de... todo mundo lá ficô meio assim..

L - l

Longe pra caramba

Morf. : **adjetivo + preposição + interjeição.**

Ver entrada principal : **não há registros.**

Definição: Lugar muito longe.

INF. - [...] Fui pra fazê a tradução, não consegui traduzi nada! Eu sei inglês, mais um problema de audição... um cara ficou ditando lá num palco, longe pra caramba... ".

N - n

Na doida

Morf. : **verbo + preposição + adjetivo.**

Ver entrada principal : **(H) doida.**

Definição: sem reflexão, critério ou regra (diz-se de ação, atitude, etc.); impulsivamente.

Variante : **(H) partiu à doida.**

INF. - [...] Só que eu fiz pra Contábeis sem nem saber o que era o curso. Fiz na doida.

Nada a ver

Morf. : **pronome + preposição + verbo.**

Ver entrada principal : **(N) ver**

Definição: não lhe dizer respeito; não interessar.

Variante : **(N) não ter que ver**

INF.: [...] Na boa, não tem nada a ver com vocês, é uma opção minha... " Ai, fui. Fiz o concurso e não passei. Frustração enorme. Um baque. Mas, aí, eu tô há um ano, aí, esse ano todinho eu tô estudando pro... pra esse concurso e pra, pra os outros eh... matérias correlatas [...].

Não sair nada

Morf. : **advérbio + verbo + pronome.**

Ver entrada principal : **não há registros.**

Definição: Não conseguir realizar algo.

INF.: [...] Fui pra fazê a tradução, não consegui traduzir nada. Eu sei inglês, mas um problema de audição... um cara ficou ditando lá num palco, longe pra caramba... Aí não saiu nada, ou quase nada.

Não sei o quê

Morf. : **advérbio + verbo + artigo + substantivo.**

Ver entrada principal : **(A) não sei o quê (H) não-sei-quê.**

Definição: (A) Qualidade do que é indefinível. (H) Aquilo que, por vago, incerto ou duvidoso, não se consegue ou não se quer definir.

Ex.: **(A) Havia uma não sei o quê de suspeito em seu olhar. (H) um não sei quê de malicioso na voz e no olhar**

INF.: [...] Não, vô falá logo, ele faz o que ele quisé fazê. Liguei. Oh, ele atendeu o telefone todo eufórico, fala N., não sei o quê. Eu, rapaz, eu quero conversá um negoço sério contigo.

Não valer nada

Morf. : **advérbio + verbo + pronome.**

Ver entrada principal : **(A) (H) valer.**

Variante : **(A) Esse homem não vale o prato que come.**

Definição: (A) Ser merecedor. (H) Ser digno de apreço, de valorização.

INF. - [...] *Todo mundo soube que eu tinha ficado com a ex-namorada de... todo mundo lá ficou meio assim... menos... assim, quem era... que nessa hora todo mundo que se metê, né. N. é um sacana e tal, não vale nada.*

Nem pensar

Morf. : **conjunção + verbo**

Ver entrada principal : **não há valer.**

Definição: expressão similar a “de jeito nenhum”.

INF.– [...] *E a menina veio atrás de mim, ela veio atrás de mim. Ai eu disse: “nem pensá, nem pensá, ele é meu amigo e tal*

P – p

Por incrível que pareça

Morf. : **preposição + adjetivo + conjunção + verbo.**

Ver entrada principal : **não há registros.**

Definição: Expressão equivalente a “inacreditavelmente”.

INQ. – *E o que você fez ontem de diferente, alguma coisa que não tenha sido assim... INF. – Por incrível que pareça eu tava gripado ontem, fiquei o dia todo em casa, deitado, assistindo televisão, tomando vitamina C, chá de... de limão com alho. Se não eu não estaria aqui conversando hoje.*

S – s

Ser filho de

Morf. : **verbo + substantivo + preposição.**

Ver entrada principal : **(A) (H) (M) – filho.**

Definição: Indivíduo oriundo de determinado lugar.

INF.: [...] *Ele morava lá mehmo, ele é filho de lá.*

INF. - [...] *Porque a gente utilizou, na época a gente precisava, né? Agora a gente vai deixá-los assim, solto na vida. Então é bom sempre saber... de vez em quando eu ligo pra mãe dos pacientes, pergunto como é que.*

Solto na vida

Morf. : **adjetivo + preposição + substantivo.**

Ver entrada principal : **(A) (H) solto (S) estar.**

Variante : **(A) Levava uma vida solta. (S) estar solto/ soltinho na buraqueira.**

Definição: (A) Que tem muita liberdade. (H) Entregue à própria sorte, sem amparo; sozinho, abandonado. (S) Estar totalmente liberado, desimpedido, sem governo.

Ex.: **(H) tinha pena da criança, solta assim no mundo. (S) aquele menino anda perdido, está soltinho na buraqueira.**

ⁱ O glossário sofreu pequenas alterações em seu formato original para que pudéssemos visualizar melhor as informações - os dados, originalmente, aparecem todos juntos, de forma linear, e foram acrescentadas as palavras “Definição” e “Exemplo:”(Ex.), não colocadas pelo programa.